PARA
TODOS...

A dôr
e mal-estar

Brunetto
EXTRA LEVE
J.G.V.

RECOSTADO numa das vastas poltronas do salão de leitura, a baroneza de Souza fitava no marido as pupillas dilatas por um indescriptivel pasmo mixto de terror.

— Mas quem é esse homem, Arthur ? ! Você deve conhecel-o pelo menos de nome !

— Eu ? Nunca o vi mais gordo ! Você é que deve conhecel-o, porque é você quem acompanha Alina ás reuniões mundanas. Quem é esse typo ?

— Não sei... Nunca o vi... Eu lhe juro que Alina nunca se referiu a essa creatura...

Longa pausa. O barão, homem barrigudo, de cara raspada, cabellos grisalhos, já rareando nas temporas, media a pasoss incertos o tapete oriental; uma profunda ruga atravessava-lhe a fronte de ordinario serena. Passeava agitado, com as mãos nos bolsos das calças e, a espaços, parando defronte da secretária antiga, de jacarandá, lançou um olhar raivoso a um grande enveloppe que ali se achava, deixando entrever uma carta escripta á machina.

— Atrevido ! E é assim que se illude um pobre pae de familia, confiante na lealdade da sua esposa e da sua filha !... Este mundo !... Oh ! Este mundo !...

— Mas Arthur... acalme-se... Você deve comprehender que, neste mundo, soffre tambem o meu coração de mãe... Tremo de horror ao imaginar que Alina... Oh ! meu Deus !... Ella tem apenas dezeseis annos... Quem sabe, algum aventureiro soube insinuar-se no seu espirito ? Mas... não é possivel ! Ella me teria contado qualquer cousa !... Não comprehendo, Arthur, por Deus do céo !... Sinto-me completamente desorientada...

E a pobre senhora, no fundo da sua poltrona adamascada, abanava a cabeça, torcia as mãos, enxugava uma lagrima que já lhe tremulava nos cilios.

Atravez dos stores de filet antigo surgiam algumas nesgas do parque illuminado em cheio pelo sol.

O barão lembrou-se de tirar da bocca a metade de um charuto apagado, que mastigava havia mais de uma hora.

— Só mesmo Alina poderá explicar-nos isto. Vou mandar chamal-a !

Vibrou o timpano e na moldura purpurea de um reposteiro desenhou-se a silhueta reverente de uma arrumadeira estylisada.

— Adelia, diga á mademoiselle Alina que desça immediatamente.

Minutos após, aquella mesma porta emmoldurava um gracioso typo de meninota loura, aconchegando ao corpo, num gesto friorento, a seda azul de um kimono bordado a ouro.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Uma "Encrenca"

Tinha os olhos grandes, castanhos e brejeiros, ainda pesados de somno, a frescura dos dezeseis annos na pelle transparente e rosada, o encanto de um sorriso malicioso na boquinha vermelha. Com as mãozinhas muito alvas, de longas unhas polidas, ageitou, num gesto faceiro, as ondas revoltas da cabelleira loura e afundou no tapete turco as pequeninas sandalias de setim azul.

— Meu Deus ! Bom dia, papae e mamãe — disse a sorrir. — Que houve de tão grave para que me mandassem acordar ás nove e meia ? E justamente agora eu estava num sonho delicioso ! Sonhava que estava me casando com um rapaz "succo", na matriz da Gloria e que tinha mais de quarenta "demoiselles d'honneur"...

E riu-se alegremente. Mas o seu riso não encontrou reflexos na phyonomia carrancuda do pae, no rosto pallido e preoccupado da mãe.

— Gente ! Por que me olham tão zangados ? ! Que aconteceu ,

E Alina abriu, num grande pasmo, a boquinha vermelha, de lindos dentinhos brancos e iguaes.

— Sente-se ahi e trate de ouvir-me e responder-me com juizo e lealdade, ouviu ? Você sabe sobejamente que eu e sua mãe não toleramos a mentira, mas parece-me que você degenerou. Quem é esse Josué Galina ?

Os olhos de Alina, já grandes, procuram crescer ainda numa expressão de assombro.

— Que Josué Gallinha ?

— Galina ! Galina ! Esse patife que teve a ousadia de escrever-me uma carta com autorização sua !

— Ué ! Eu não sei do que se trata ! Que carta ? !

— Alina, você deixe de ser hypocrita e diga-me lealmente o que você arranjou que autorizasse esse homem a escrever-me uma carta dessas !

A pequena estava prestes a chorar.

— Mas, meu pae, eu não arranjei nada e nem sei a que carta o senhor se refere...

— Menina, o sonho que você acabou de contar-nos veiu ainda mais provar a sua culpabilidade no caso...

O barão estava vermelho de raiva.

— Minha filha, então você não sabe que recebemos hoje para você um pedido de casamento ? — disse tristemente a mãe de Alina.

— Pedido de casamento ? ! Para mim ? ! De quem ? !

— Desse Josué Galina, que não sabemos quem é, mas que, infelizmente, parece que teve alguma intimidade com você...

— Ué ! Deixe-me ver essa carta, mamãe, eu lhe peço...

O barão tomou a carta de sobre a secretária, fitou severamente a filha e iniciou a leitura num tom desdenhoso:

"Exmo. Sr. Barão, etc. e tal.

Como eu e sua filha Alina nos amamos e obtive della o consentimento para pedil-a em casamento, com a unica condição de nos casarmos dentro de oito dias, peço-lhe licença para apresentar-me amanhã, ás onze horas, em sua residencia, afim de deliberarmos as bases do nosso contracto nupcial. Sou brasileiro, filho de italianos e empregado no Expresso Federal. Levar-lhe-ei todos os documentos que o senhor barão possa desejar para uma syndicancia na minha vida, a que se deverá ligar, por indissoluvel laço, a vida da sua filha unica e tão querida.

Com todo o respeito e consideração, subscrevo-me seu

Crdo. Atto. e Admirador
Josué Galina."

— E então, "sua" descarada — tornou o barão dominado por um novo

accesso de furor — tem a coragem de mentir-me ?

Longe de se entristecer, de revelar o minimo acabrunhamento, Alina começou a rir-se, a rir-se doidamente e deixou-se cahir num divan defronte da poltrona de onde sua mãe acompanhava, attonita e abatida, o desenrolar da scena.

— Então, minha filha ? Diga-nos quem é esse tal Galina e o que você fez para que elle se atrevesse a escrever a seu pae uma carta destas... — pediu-lhe ella, lacrimosa.

— Mamãe, eu não conheço Galina nenhum ! Que nome engraçado !

— Não o conhece ? — interveiu o pae, austero. — Como diz elle, então, que tem autorização sua para fazer esse pedido de casamento e que combinaram casar-se dentro de oito dias?!

— Não sei, papae... Eu não comprehendo nada disso... Não sei quem possa ser esse homem...

— Appelle para a sua memoria, minha filha, — tornou a mãe. — Tente recordar-se dos muitos rapazes que você conheceu em Petropolis e nas festas offerecidas ás "misses"... Não será algum delles ?

Alina ficou séria. Na sua memoria, como na téa cinematographica, desfilaram as differentes silhuetas louras e morenas, altas e baixas, gordas e magras dos seus innumeraveis "flirts" daquelle anno.

— Aquelle alto, amorenado, de bigodinho preto, com quem dansára tanto no baile do Jockey Club e que lhe furtára uma petala da flor de gaze que ella trazia ao hombro ? Não... Aquelle era o Mario de Lima, engenheirando, dono de uma linda "baratinha" verde garrafa. Então o rapaz louro, de ar sizudo que no baile do Centro Paulista lhe déra um beijo no pescoço ? Tambem não. Ella já lhe esquecera o nome, mas sabia que era riquissimo e tido como um "partidão" pelas suas amiguinhas... Não podia, portanto, ser um simples empregado do Expresso Federal... Então ? Aquelle rapaz "succo", fiel reproducção do Ramon Novarro, que lhe dedicára um poema futurista num semanario illustrado ? Nada... Aquelle era um jornalista ás direitas e de nome muito conhecido... Ora essa ! Não podia atinar com quem fosse aquelle tal Galina!...

— Então, Alina, está resolvida a confessar que leviandade foi esta sua?

— Eu não fiz nada, meu pae... Todos sabem que eu nunca fui namoradeira ! Juro-lhe que não sei quem é esse homem !...

Alina já não se ria mais. A severa attitude de seu pae e a dolorosa expressão de sua mãe fizeram-lhe comprehender que o caso era mais sério do que ella imaginára.

— Minha filha — disse a baroneza, chamando Alina para junto de si, — você deve confiar em seus paes... Que melhores amigos poderá você encontrar no mundo ? Por que tenta você enganar-nos desta maneira ? Pois você vê que o homem diz que vocês combinaram casar-se dentro de oito dias ?

— Eu não combinei nada, não, minha mãe... Decerto esse Galinha é algum maluco... Eu não sei de nada, não, senhora... Não comprehendo cousa alguma desta "encrenca" !...

O pae parou defronte de um rico pendulo antigo, sobre a secretária, que marcava dez e quinze.

— Não discutamos mais este assumpto. Toda a mulher é um enigma. Daqui a tres quartos de hora o tal "seu" Josué Galina ha de apparecer com a solução do problema. Aguardemos até lá e saberemos o motivo de um tamanho fingimento de sua parte e de desejarem um casamento tão precipitado...

Com effeito, ás onze horas em ponto, ouviram o resfolegar de um auto e vibrou o tympano da porta de entrada.

Alina e sua mãe se refugiaram no salão contiguo de onde, atravez de umas frestas dos reposteiros, poderam ver a entrada do pretendente.

A baroneza olhou a filha. A physionomia de Alina não trahiu a minima emoção. Tinha o mesmo rosado nas faces, a mesma serenidade de expressão; apenas os olhos lhe brilhavam mais que de costume, mas de curiosidade. Era visivel isso.

O barão, vermelho de raiva, perfilando-se todo, accendeu o charuto, e a criada, cheia de mesuras, fez entrar o signatario daquella carta que tamanho alvoroço provocára na familia. Era um homem baixinho, barrigudinho e antipathico. Devia orçar pelos quarenta e cinco. Usava monoculo e estava tão empertigado que parecia ter engulido uma vassoura.

Naquella hora uma grande risada de Alina transformou em comedia toda a tragedia que se acastellava naquelle lar.

— Meu Deus do céo ! — exclamou ella, a rir-se doidamente. — Não é que esse velhote levou a sério o que eu lhe disse ? Imagina, mamãe, que num desses chás de caridade em que estive, nem sei mais onde, esse homemzinho amolou-me sem treguas. Quiz dansar commigo, fazia-me madrigaes e não me deixou em paz ! Oh ! Que homem horrivel ! Tinha um cheiro medonho de sarro ! Eu fiquei doida por libertar-me delle e, sem contar nada perguntei ao titio o que deve uma moça fazer para se livrar de um homem que a persegue. E meu tio respondeu-me: — Ora, menina ! Basta que ella lhe dê a entender que está tomando a sua côrte a sério, com idéa de casamento e elle "dará o fóra". E' mais que certo. — Eu, que estava enfastiadissima desse homem, cujo nome eu nem ouvira quando apresentada a elle por uma amiguinha, disse-lhe immediatamente que lhe concedia aquella dansa e aproveitei a opportunidade para lhe dizer que, se era real a sua admiração, sympathia e tudo mais por mim, elle tratasse de pedir-me logo em casamento, mas com a condição deste se realizar em oito dias. Elle ficou todo vermelho, todo commovido e eu fui dansar noutro salão e nem me lembrei mais delle... E não é que o paspalhão levou a cousa a sério ? !

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho - Rio". Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Os premios d'O Tico-Tico

"O Tico-Tico", a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distrbue aos seus leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 voumes cada uma das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-Rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo.

"Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac.

Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'"O Tico-Tico", demonstrando desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

Malas Armario HARTMAN e de mão com cabides, diversos modelos

Unico depositario:

A TORRE EIFFEL

97, OUVIDOR, 99

Magic

Não póde haver distincção numa se-
nhora, por mais bem vestida que ella
esteja, se o suor das axillas manchou-
-he o vestido, mostrando o circulo es-
curo que tão máo effeito faz debaixo
dos braços. Esse mesmo suor despren-
de um máo cheiro natural, que dis-
farçado com essencias perfumadas
mais desagradavel se torna aos olfatos
delicados. Entretanto, esses inconveni-
entes sociaes, como o encommodo do
uso dos antigos suadores de borracha
nos vestidos, que causam um verdadei-
ro máo-estar em quem os usa, pódem
ser evitados com "Magic", o remedio

Dr. Adelmar Tavares

Advogado

RUA DA QUITANDA, 59

2º Andar

para o suor, aconselhado pelos eminentes Drs. Couto, Aloysio de Castro, Austregesilo, Werneck, Terra e outros, por não ser offensivo á saude do organismo nem á pelle.

A' venda em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias. — Pedidos a Araujo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives, 88 — Rio.

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

(*Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina*)

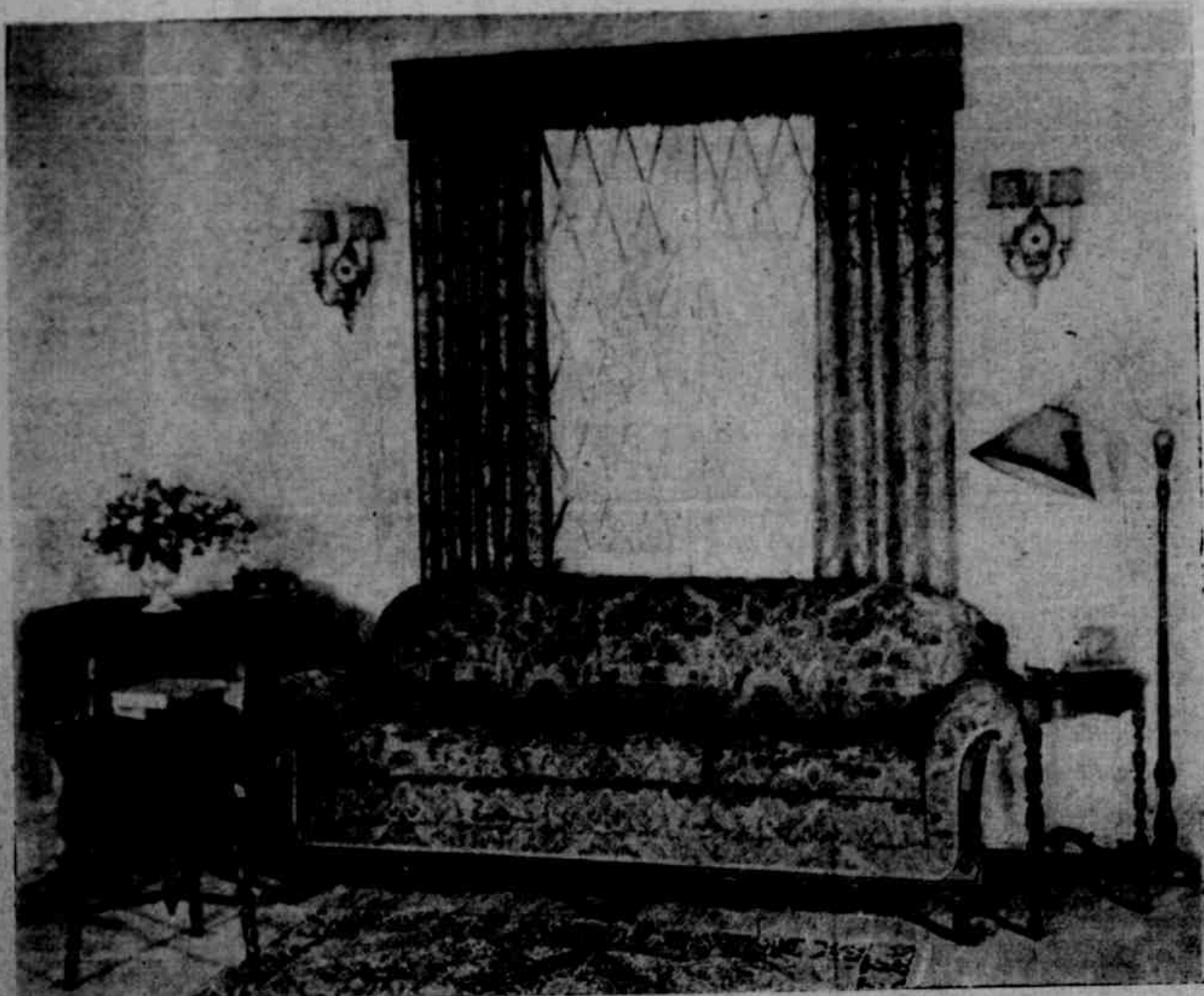
— Do Prof. —

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10$000

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET, 34 — RIO.

Moveis Estofados e Decorações Interiores

EXECUTAMOS QUALQUER MODELO

Preços de Fabrica

✣ ✣ ✣

F. F. Fernandes & Cia.

Rua do Cattete, 61

Phone 5—2288

RIO

MEU CORAÇÃO PEGOU FOGO!

Na angustia,
Na soledade,
Na amargura de minha alma,
Um telephone tilintou...

— "Allô ! Allô !
Bombeiros a toda a pressa
Que um incendio pegou !"

E os carros — fantasmas em braza —
Com os holophotes vermelhos
E os bombeiros "camarões" —
Como se vindos do inferno
Chispavam, tonitroando,
Badalando, badalando,
Abrindo caminho, abrindo
Em busca de sensações...

...ou da morte entre as brazas,
ou da morte entre os montões...

Houve, então, alguem que disse,
Commentando nas esquinas:
— "Foi uma scentelha simples,
Uma fagulha brilhante
Que de dois olhos partiu;
E promptamente pegou
Numa palha resequida,
Dando outra vida a essa vida,
Outra vida a quem não amou..."

E o incendio, de hora em hora,
mais se alastrava, subia,
Crepitava,
Reboava,
Levantando para os céus
— como braços de gigantes —
Negras nuvens em escarcéus;
E as chammas, zombando, rindo,
Da agua fria dos bombeiros
(Os bombeiros são os parentes,
nestas historias de amor...)
Augmentava augmentava,
Parecendo queimar tudo
Num quadro triste de dor !

Houve mais alguem que disse
Commentando noutra esquina:
— "Esta casa está perdida,
vae ficar numa ruina..."
E outro, compadecido,
Chorando qual um irmão:
— "Era tão bom, tão amigo,
Sempre forte á emoção;
No entanto... uma scentelha...
dos olhos... e eis a explosão !"

E quando, no fim de dias,
O incendio continuava —
Os bombeiros, extenuados,
Quebrados
E machucados,
Horrivelmente cançados
Voltaram p'ra o casarão.
— "Nunca vimos — então diziam —
Um fogo tão crepitante
Augmentando de instante a instante
Como o desse coração !"

....

E ainda hoje
— interessante ! —
Arde a casa, o fogo queima,
Embora nada mais reste
Pois tudo queimado está !
Mas — dizem pelas esquinas
os filhos de Dona Candinha —
Que palha secca é um perigo
Quando dois olhos formosos
Nella lançam o seu olhar;
Que é peor que a saudade,
Para fazer definhar.

Certa noite, de repente,
No silencio dos silencios,
Um telephone tilintou...

— Allô ! Allô !
E' da casa funeraria ?
— O incendio já acabou..."

JOÃO FERRO.

Para todos...

Misses, Gravatas, Lembranças...

Por Hermes Fontes

COM o primeiro dinheiro ganho, das chronicas publicas, comprei algumas das primeiras gravatas com que enfeitei meu narcisismo adolescente.

As chronicas eram da "Folha do Dia". As gravatas, do "Carnaval de Veneza"...

Tudo isso é Historia Antiga. A "Folha do Dia"... Hoje só pegam de-galho as folhas da noite — *Noite, Globo, Diario...*

E do "Carnaval de Veneza"... ora, o Rio a importar carnavaes!... O de Veneza é uma reminiscencia obsoletissima. O de Nice... é a sombra do que foi. O tradicional "corso florido" é hoje um bando precatorio de carantonhas e mascaras, mascaras grosseiras, em geral de bois e zebras. Carnaval de Nice, carnaval d'asnice...

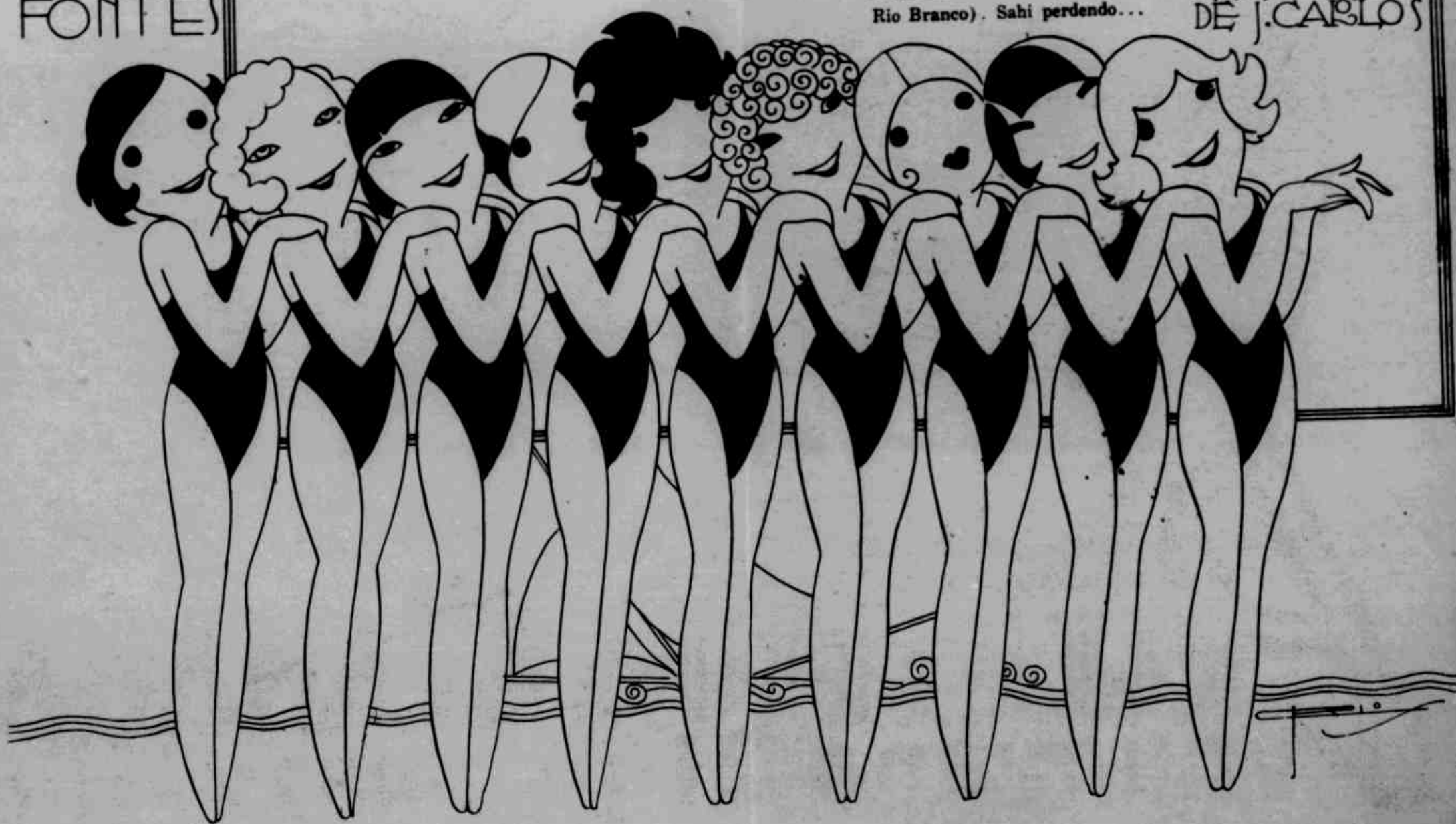
Só o Rio tem melhorado nessa admiravel industria de amarrar o povo ao poste de suas velhas abusões. E, ultimamente, o progresso não tem sido... para traz. E' progresso, devéras. Do carnaval *d'asnices* (fevereiro ou março) ao carnaval *das misses* (maio, junho, etc., e o bom agora é em setembro...) ha toda uma evolução de bom-gosto e bons sentimentos... Porque, em verdade, somos fundamentalmente tão ingenuos, que até essa historia de *misses*, ao invez de degenerar em festa de instinctos, é uma nobre de estimulo aos bons sentimentos regionalistas, e cada qual passa a "torcer" pela *miss* do seu Estado ou do seu municipio, como "torceria" pelo "Jahú" ou pela "Aguia de Haya"...

E essa nova especie de civismo (o civismo em *maillot*) representa um novo *goal* vencido no "stadium" da popularidade pelo orgão do bom exito e da victoria, que antecipa o pensamento dos politicos, antes mesmo de se externarem elles em entrevistas que acabam confirmando as antecipações.

Emquanto á *Folha do Dia*, lá se ficou pelas alturas de 1910 ou 1911. E o "Carnaval de Veneza" que me vendeu a preço modico as primeiras gravatas de adolescente, deve ser hoje uma casa de victrolas ou de laranjada americana. E o nome é o menos: "Carnaval de Veneza" ou "Colosso de Nova-York", no fim dá tudo certo.

Recordando, porém, as primeiras chronicas e primeiras gravatas, devo assignalar que a primeira gravata, primeira na ordem chronologica, eu a adquiri no "Formosinho" que, por esse tempo, ficava na rua Gonçalves Dias.

E a firma era "Hermes e Formosinho". Eu lia á porta os dizeres e corrigia mentalmente — Hermes é formosinho (Narciso!) E (talvez por castigo, á minha actual fealdade, illuminada de belleza interior da minha consciencia) tiraram o "Hermes" e ficou só o "Formosinho". E da rua do poeta (Gonçalves Dias) mudaram-se para o boulevard do ministro (Avenida Rio Branco). Sahi perdendo...

Illustração de J. Carlos

A INFLUENCIA SOBRE

Claude

Melle. Doche

AO mesmo tempo em que o theatro offerece ao espectador uma occasião unica de variar a existencia e, ás vezes, a personalidade, identificando-se com esse ou aquelle heróe de comedia, do qual vive as aventuras e as emoções, os quadros animados da scena fornecem exemplos concretos de dilemas moraes, com uma solução apropriada, em que todos os elementos essenciaes são apresentados directamente.

Isso, pela sensibilidade, a intelligencia é o julgamento. Mas o theatro, arte visual, dirige-se ao espirito por intermedio da imaginação plastica aos olhares, uma série de attitudes e de physionomias que ficam, quasi sempre, gravadas na memoria dos que as contemplam.

Uma attitude de Maria Dorval.

O actor é a imagem principal desse panorama de gestos, no qual elle cria a variedade, o movimento, a côr, toda a expressão. A sua influencia é consideravel; e a sua figura physica, que encerra uma grande parte do poder sobre a multidão, fica ligada aos processos de arte que adapta á sua individualidade.

Materialmente, elle faz nascer de todas as peças, o personagem cuja encarnação lhe foi confiada. Empresta-lhe a figura, a voz, as maneiras. O modo pelo qual veste o personagem é de uma importancia consideravel, e os espectadores que têm tendencia para o imitar, procuram de começo se assemelharem a elle, vestindo-se como elle se veste.

Na Inglaterra o prestigio do homem bem posto é dominante. Comediantes favoritos do publico fizeram a moda das suas épocas. Squire Bancroff, Charles Hawtrey, Gérald Du Maurier e o bello Basil Allan, morto na guerra, foram typos de elegancia masculina. Georges Barrymore, americano, substitue-os hoje.

Melle. Marie.

Na França, depois da Renascença, as mulheres que lançam a moda nos meios artisticos exercem uma influencia decisiva na maneira de vestir. Mas, principalmente nos tempos modernas, é que a influencia das comediantes se tem firmado. Não se acredita que Melle. Moliére, creadora de *Celimène*, julgada feia por Mme. de Sevigné, mas que possuia um grande encanto, ou então a apaixonada Champmeslé, creadora de *Phèdre*, cuja morte foi um desmoronamento para Racine, que a Clairon, Adrienne Lecouvreur e Melle. Rancourt tiveram suggerido, ás mulheres aristocraticas, modelos de vestidos, embora já lhes suggerissem attitudes, entonações de voz e expressões.

Era impossivel, num tempo em que os espectadores, sobre a scena, estavam confundidos com os artistas, que esses conseguissem tão grande poder de suggestão. E tambem, no antigo regimen, as roupas marcavam a hierarchia social. Nobres, burguezes, rusticos vestiam-se conforme a casta. A uniformidade dos trajos, á parte a riqueza maior ou menor do tecido, para todas as classes sociaes, é muito recente.

Para que um vestido, um costume, seja notado, e que o talho, a côr possam ficar na lembrança afim de provocar a imitação, é necessario que esse vestido ou esse costume se se apresente, de qualquer fórma, isolado, num quadro, durante um tempo bastante longo, para impressionar a vista. Esta observação é do fabricante de tecidos, Rodier, que tem uma alma de psychologo e de artista. E' preciso tambem que as novidades não repitam modas muito proximas; pois a moda é a successão de fórma e de côr absolutamente oppostas.

As actrizes exercem influencia sobre o modo de vestir, desde que a scena lhes deu um pedestal, onde ellas se mostram, misturadas apenas com o grupo de collegas e que a sociedade, relativamente edificada, só conhece differença de costumes, nos impostos pelas profissões e pelas carreiras. Isso só foi conseguido

Melle. Delphine Marquet, dona de costas celebres

DAS ACTRIZES A MODA

Berton

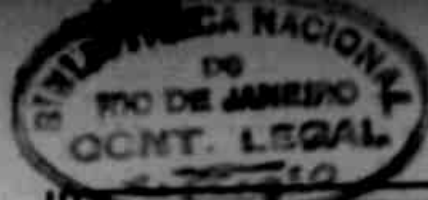
no seculo XIX. A partir da Revolução Franceza, todas as artistas dotadas de personalidade e de gosto (não é sempre a mesma coisa) que appareceram em scena, qualquer que fosse a scena, circo, music-hall, opera, comedia, marcaram com o seu cunho a moda suposta preciosa, mas em realidade disciplinadissima, pois o seu imperio subsiste essencialmente nas poderosas leis de imitação.

A Revolução só conheceu modas de praça publica e as imitações de vestidos néo-gregos, que caracterisam a physionomia moral e o aspecto desse periodo de transformações violentas. Comtudo, assim que os Parisienses puderam respirar, a tocante Julie Dalma; a audaciosa Melle. Lange, que Girodet pintou em Darcie; e Melle. Maillard, cantora do Parc-au-Cerf, que foi por um dia a deusa da Razão; essas tres artistas representaram a transição. Julie Dalma, uma nympha dos idyllios de André Chénier, Melle. Lange, uma bacchante da orgia do Directorio, Melle. Maillard, uma Republica vinda do povo e cuja graça depois de ter sido copiada pelas damas da côrte, tornava-se a de uma heroina da antiguidade. Moda de um tempo.

A phase Napoleonica foi burgueza. O imperador, de habitos italianos, era um burguez muito opposto ao romantismo germanico e a anglomania. As modas fantasistas e impudicas do Directorio foram substituidas por pesadas roupas impostas pelo Imperador. E as actrizes do tempo, Melle. Mars, a distincção personificada, o pudor e a preciosidade de Melle. Bourgoin, tão livre na sua vida privada, mas muito bem comportada na apparencia, arrastaram severos vestidos de velludo e de sêdas espessas, com decotes modestos e penteados complicados, que todas as elegantes

Loie Fuller, flexivel, leve, envolta em véos

reproduziam. A imperatriz Maria-Luiza, afogada nas roupas, e tambem a rainha Hortensia espalhavam as maneiras affectadas.

Cahido o Imperio, sob Luiz XVIII, o romantismo (no costume) não conseguiu se impôr. Os vestidos guaritas, duros e fe-

A bella Jeanne Hading em 1880.

chados, continuavam a reinar. Melle. Mars estava no apogêu.

Creou dona Sol (Lelen) quando era uma deliciosa heroina de Marivaux.

As modas romanticas impuzeram-se definitivamente, sob Carlos X e Luiz Philippe.

A belleza irregular e dolorosa, de Maria Dorval, a belleza regular de Juliette Drouet, amôr de Victor Hugo, deram duas notas differentes.

O grande Hugo preferia a magestade dos traços e um certo abandono proprio das divindades.

O interprete Vignes occultava gostos mais atormentados. Aquelles dois typos de mulher resumiam as suas tendencias.

Rejane.

O gosto da época, a moda dos rostos, os costumes e os sentimentos têm como perfeitos modelos: Melle. Paulina Garcia, irmã da Malibran, mais tarde Mme. Viardot, e a Grisi. No periodo de transição do romantismo para o sectarismo philosophico - scientifico, que marca a união do seculo, foram as figuras notaveis. Paulina Garcia, George Sand, Mme. de Girardin, mesma physionomia, mesma silhueta.

Georgette Leblanc em 1902.

Depois surgiu Rachel. Rachel era pequena e passava por bem feita, era muito humilde e tinha o ar de uma rainha, era ignorante e parecia instruida. Mulher do seculo, foi a maior e a mais popular das actrizes.

A genial tragica quasi nunca se apresentava no theatro em trajo de rua. E no emtanto foi muito imitada. Os seus mantos se enrolavam em lindas espaduas, como as de Camille e Hermione. Jeanne Fourben, que alguns conheceram com o nome de condessa de Lognes, continuou, por muito

(*Termina no fim do numero*)

Maria Delaporte, encantador modelo das ingenuas.

Aimée Desclée.

Na Legação de Cuba

O SENHOR MINISTRO E A SENHORA BARNET Y VINAGERAS DERAM RECEPÇÃO, NO DIA 20, DATA ANNIVERSARIA DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA DE CUBA.

ALTAS AUTORIDADES BRASILEIRAS, CORPO DIPLOMATICO, SENHORAS E CAVALHEIROS DA COLONIA CUBANA DO RIO DE JANEIRO.

O representante de "Para todos...", na noite seguinte ao concurso, procurou Neyde Xavier, eleita entre as "misses" districtaes para representar a Capital.

Não podia ser melhor o julgamento.

Neyde Xavier é por tudo a moça da cidade.

Nasceu aqui mesmo na Paulicéa, ama a vertigem dos arranhacéos, entende o modernismo, gosta do "jazz" e finalmente, para completar esse conjuncto de predilecções é nomalista!

Quando chegámos á sua residencia, á rua Barão de Caxias, fomos encontral-a com livros e cadernos de notas sobre a mesa de estudo.

— Então, já se esqueceu tão cedo do concurso ?

— Não, mas é que amanhã entro em exame na Escola.

E explicou-nos, com muito bom humor, o "máo pedaço" que atravessara nessa mesma tarde. Fizera exame de Psychologia. Um ponto difficil e que não fôra cuidadosamente revisto na recapitulação da materia.

— Mas, ainda assim, penso que me sahi bem. Tenho agora que preparar-me para outras tantas provas do curso, coisa que, na melhor das disposições, não deixa de ser uma dolorosa interrogação... Uma banca examinadora é sempre um tormento.

A tudo isso Neyde Xavier ia dizendo com muita graça e espirito, sorrindo ao perigo, como gente de cidade grande, que sabe amar as sensações fortes da vida.

— Mas é isso mesmo, concordou ella comnosco. O exame será um facto desagradavel encarado pelo seu lado material, mas constitue incontes-

(Conclue no fim da revista).

Senhorita Néyde Xavier

Miss Capital de São Paulo

Tocando piano

Com sua familia

Concurso Internacional de Belleza

promovido e organisado pel' "A Noite"

Em São Paulo, como no anno passado, este anno foi a "Gazeta" de Gaspar Libero que abriu as suas paginas para a votação e escolha da representante do Estado no lindo campeonato. Aqui estão as senhoritas que encarnam a belleza dos varios bairros da Capital.

As Misses de São Paulo

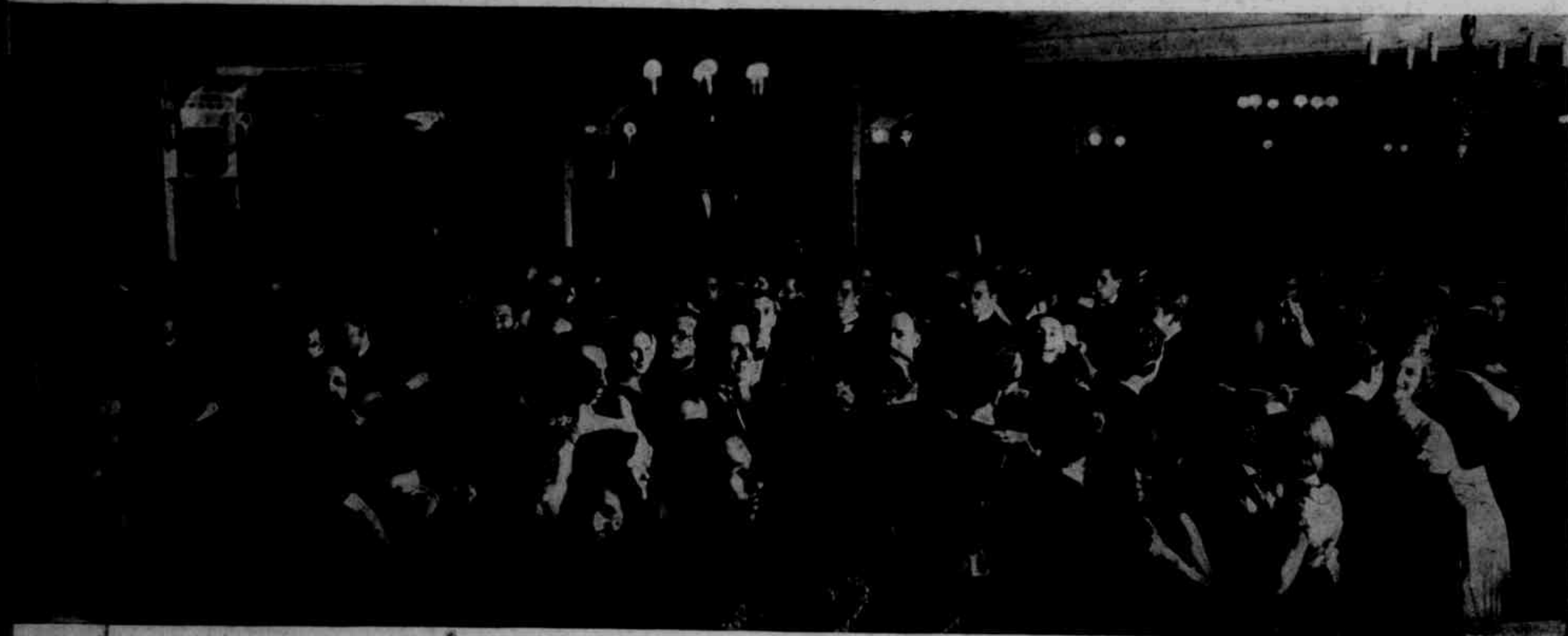
No salão Teçayndaba, em 26 de Abril, houve uma festa em homenagem ás misses paulistanas. As nossas photographias mostram todas ellas posando para a nossa revista no intervallo das dansas.

No Salão Teçayndaba

Da Cidade dos arranha Céos

No Botafogo Football Club

Senhoras Anna Amelia de Queiróz Carneiro de Mendonça, Léa Azeredo da Silveira, Julieta Gomes de Menezes, senhoritas Luiza Lacerda Coutinho, Leonor Macedo Costa, Ilara Gomes Grosso, senhores Olegario Marianno, Vicente Cotia e Iberê Gomes Grosso que tomaram parte na festa de arte de sabbado passado. Instantaneos da assistencia e do baile.

GANDHI E A LEI DA GABELA

SÃO innumeros os commentarios dos jornaes em torno da campanha chefiada pelo leader nacionalista Mahatama Gandhi contra o imposto do sal na India. Ha quem entenda que, para libertar a sua patria do jugo britannico, deveria o chefe revolucionario indú fabricar qualquer mistura mais explosiva do que o sal puro. Opinam outros pela organisação de um exercito de Sattyagrahis adextrados no manejo das modernas armas de guerra, ao invés da missão pacifica, de que estão investidos pelo reformador mystico que ora empolga o mundo.

De tudo resalta, entretanto, a aura de sympathia que envolve a causa da autonomia indú, ao ponto de se temer pela sorte da campanha de desobediencia civil, fabricando sal em logar da dynamite. E para corroborar essa opinião invoca-se a historia, na qual não se encontra exemplo de successo alcançado sem o emprego da violencia.

E' de notar, porem, que pela primeira vez se põe em pratica, em larga escala, a doutrina original de Tolstoi, depois que aconselhou a resistencia passiva como arma de combate á oppressão exercida pelos poderosos. Só o futuro poderá dizer, portanto, da efficacia ou não da medida politica até aqui conservada no terreno dos debates doutrinarios.

A escolha do monopolio do sal por parte de Gandhi para soffrer as primeiras investidas da sua campanha de desobediencia civil, baseia-se certamente em motivos imperativos que não escaparam á argucia do notavel mestre de Sattyagraha. Para que se comprehenda melhor o actual movimento, torna-se indispensavel o conhecimento de alguns pormenores relativos ao referido monopolio, nas suas differentes phases.

Convém recordar, antes do mais, que, sendo a India uma vasta peninsula, cujas costas abundam em sal depositado pelo mar, acha-se, por esse facto, em excepcionaes condições de supprir não

Gandhi quando partiu d'Ahmedabad

só o consumo interno como de quasi todo o globo. Pois bem, tanto os tresentos e vinte milhões de habitantes do Indostão, quanto os tresentos milhões de bovideos que consomem, como é obvio, maior quantidade do precioso elemento, soffrem as agruras da sua falta, sacrificio que lhes é imposto pelo imperialismo britannico, interessado em transformal-o em ouro, amoedando-o, empilhando-o em libras esterlinas que servem egoisticamente á sua saciedade e deshumana ambição. Afim de que se possa fazer uma idéa das lamentaveis consequencias desse monopolio basta attentar no facto seguinte. De accordo com os dados officiaes do governo inglez na India, todas as vezes que se majora a taxa sobre o sal o consumo automaticamnete diminue, e vice-versa, donde se conclúe serem tão precarios os recursos pecuniarios do povo que lhe não permittem adquirir a quantidade indispensavel ao seu sustento. A situação é de tal ordem, que o consumo geral não ultrapassa de 12 libras annuaes por pessoa contra 14 e 15 concedidas aos proprios detentos, de accordo com os regulamentos vigentes nas prisões da India, cifras essas bastante ridiculas confrontadas com as quarenta libras que ingerem annualmente os habitantes da Inglaterra.

O monopolio do sal era cousa completamente desconhecida na patria de Gandhi anteriormente ao advento inglez. O indú é, por instincto, adepto do naturalismo. Traz no subconsciente, transmittido pelos seus antepassados, o culto á natureza. Repugna-lhe, por isso, explorar tudo quanto produz em proveito não só da humanidade como de todos os seres animados. Foi ha cerca de 150 annos que a Companhia Ingleza das Indias Orientaes, dando maior desenvolvimento ao commercio britannico no oriente, concebeu entre outras empresas o diabolico monopolio já referido, ao tempo em que governava a provincia da Bengala o Mir Jáfar. O successor deste, Mir Kasim, assumindo o poder, entendeu de annular o monopolio exercido pelos inglezes. Valeu-lhe isto a perda do throno e o exilio, após a derrota que soffreu na batalha de Buxar. A companhia não podia admittir a hypothese de se ver privada dos fabulosos lucros calculados acima de seis milhões de Rupias annuaes e augmentados mais tarde de 650 % pelo governador Cornwals!

Monopolios de sal existem tambem na França e na Russia, em mãos dos respectivos governos, mas nenhum delles deu mostras até hoje de avidez tamanha e tão grande inconsciencia.

Após a revolta dos cipaios em 1857 provocada pelos excessos que commetteu, a referida companhia foi encampada pelo governo inglez, que, usando de um dos seus trucs politicos, fez approvar no parlamento um "bill", proclamando imperatriz das Indias a rainha Victoria da Inglaterra. Com isso pretendiam os dirigentes britannicos fa-

(*Termina no fim do numero*)

ARMANDO DE LACERDA

No Reino

Constant

Uma belleza do "Reino das Pelles".

HA, na America do Norte, uma região, mais ou menos do tamanho da metade da Europa, que foi creada para ser o paraiso dos animaes, e que pertence ás mulheres! Estive lá e vou fazer uma descripção fiel do que vi.

No verão não se viaja facilmente. Os paúes succedem-se aos paúes, e, no centro de cada um, ha um lago rodeado de juncos, espelho do céo, que os patos e os gansos não perturbam. E' preciso navegar em canôa dias e dias, arribar na direcção da corrente, transportar a carga, volume por volume para a outra extremidade do escorregadio *porto;* metter-se nagua até a cintura, para puxar a embarcação atravez do recife; ao mesmo tempo, ir caçando, para se alimentar, e, quando a noite chega, acampar sob as esterllas, ao lado de um modesto fogo, incommodado pelos moscardos e perturbado pelos animaes da floresta.

Acontece tambem que no verão, os animaes que escolhemos, entre todos, tornam-se quasi sempre invisiveis. A's vezes, num cotovello de rio, surge uma pequena *marta* pescando. Ou então, depois de baldear, emquanto a gente repousa um instante, antes de recomeçar a viagem, avista, fugitivos, um *lince* ou um *vison*. Além de tudo a vida estival desses animaes só poderá interessar a um velho naturalista, ou a um viajante curioso; emfim, a qualquer da minha especie. A estação calmosa desvalorisa completamentamente as pelles. Tornam-se uma mistura de couro e pelles.

Mais, eis o inverno! Uma mysteriosa agencia Cook levou para o sul os vôos triangulares e penetràntes desses internacionaes de grande luxo que, durante o verão, se entregaram ao amor nos mares do Norte. A geada endureceu o céo tão puro, aos arrepios luminosos das auroras boreaes. Chegaram um bello dia, ao mesmo logar para o qual se dirigia *O Sol*. Este construiu uma choça, com algumas varas, coberta de palhas de vidoeiro, bem protegida contra as infiltrações do vento, pelo musgo e pela neve. Na construcção gastou apenas algumas horas. E é extraordinario como dentro della, dorme-se aquecido, tendo-se o cuidado de alimentar, de duas em duas horas, esse deus bemfeitor: o fogo. E', de resto, tarefa da mulher, ha muito adestrada nisso.

Na manhã seguinte faz muito frio. A neve range nas raquetas: tirp... tirp... tirp... No céo pallido, mas limpo, de uma claridade singular, o sol

Alces perto de um acampamento de indigenas.

se entrega aos jogos mais fantasticos! De cada lado a imagem delle reflecte! Tres sóes! E' um deslumbramento! E, reunem-se, uns aos outros, por fulgurantes faixas de arco-iris. A luz se dilacera, mais ainda, sobre as arestas agudas dos crystaes de neve.

Um urso preto, calmamente sentado. Não pensa na proxima captura...

Todas as côres do prisma saltam e resaltam, até que, por uma espantosa acrobacia, o vermelho e o verde, o azul e o laranja, o amarello e o roxo, recompõem uma faiscante luz branca. A gente soffre e admira...

Com o passo gigantesco e calmo, *O Sol* mede o *seu* territorio. Este traço largo como um pires, imprudente e tranquillo, é de um *lince*. Dentro de oito ou dez dias elle voltará; os senhores *linces* são muito methodicos. Armemos alguns laços nos logares em que elle rola preguiçosamente, sob as arvores tombadas pela tempestade, e o encontraremos estrangulado. O *lince* não *possue* uma pelle de preço muito elevado, mas é preciso não desdenhar os pequenos proveitos.

Atravessamos, sem nos determos, numerosas pegadas de ursos. Mas, alto lá! Um signal que chama a attenção! E' uma pegada quasi semelhante a de um cachorrinho, porém mais alongada. Não ha duvida, uma raposa frequenta o logar. Trata-se de saber se é *argentée* ou, simplesmente vermelha; pois ninguem se dará ao trabalho, nem perderá tempo, perseguindo uma raposa vermelha... Acompanhamos por um instante as pegadas... E eis que, num tronco rugoso, encontram-se alguns pellos... Ah! os pellos são pretos! E' uma raposa *argentée*. Temos que reflectir, afim de captural-a...

O Sol ferveu as suas peças de ferro em casca de salgueiro para que perdessem o cheiro de metal. Untou as luvas com gordura e sangue de cabrito. Emquanto *A Lua Cheia*, na cabana, junta as provisões de lenha,

Castores, tambem imolados pela moda.

das Pelles

...in-Weyer

antes que caiam as fortes tempestades de Janeiro, o homem acompanha as pegadas... Cada animal tem seus segredos. Para caçar a *marta*, por exemplo, suspende-se a uma arvo — bastante alta para obrigar o animal a saltar — uma dessas bellas lebres brancas de orelhas pretas. O laço occulto na neve é preso á extremidade de um galho flexivel, curvado até ao chão e fixado por um pequeno pedaço de páo; ao menor movimento do animal captivo, elle salta como um elastico, e a presa imponente fica se balançando a alguns metros do solo. Sem isso, a *marta* romperia o laço, roendo-o junto da pata ou fugiria de qualquer outro modo, antes da chegada do caçador. A raposa gosta das bolas de gordura que os caçadores espalham, com fartura, ao longo do caminho, até junto do laço. O *vison*, que vive nas margens dos pantanos, prefere o corpo esfolado do rato almiscarado, bem gordo. O *lince* não precisa de isca, fica no primeiro laço que encontra no caminho.

De dois em dois ou de tres em tres dias *O Sol* visita a linha de laços, é imprudente frequental-a seguido. A presença do homem assusta o animal. E o animal precioso é geralmente esperto.

De noite, o caçador volta para casa carregando os trophéos do dia. *A Lua Cheia* já preparou o jantar. O casal come vagarosamente, junto do fogo, grelhados de cabrito e de alce. Depois, marido e mulher, mu-

Visão

nidos de facas, se põem a escorchar, segundo as regras, os animaes que jazem sobre o solo da cabana. Estendem as pelles em formas de galhos de salgueiro, preparadas antecipadamente pela *Lua Cheia*. Já muito tarde, á hora em que os lobos uivam desesperadamente atraz dos cabritos fatigados, deitam-se, bem junto um do outro, debaixo das cobertas grossas.

Essa vida que parece tão difficil, e que é realmente difficil não deixa de ter os seus encantos. Um delles, é o ar que respiramos, o mais puro que se póde imaginar, que um frio forte e secco, esteriliza de todo microbio. Outro, por pouco poeta que sejamos, é o espectaculo formidavel que offerece a Floresta enfeitada pelo inverno. E os homens que vivem nos bosques têm, cada um, no dedo minimo,

Nanouk, o esquimáo, junto de um phonographo.

Raposas "argentées", que a elegancia elegeu.

mais poesia, do que no cerebro os poetas que escrevem. Entretanto esses homens — escravos das mulheres — correm mais perigos do que se póde imaginar. Na primavéra, quando os trenós, cheios de pelles, retomam alegremente o caminho da cidade, faltam sempre alguns. Ninguem sabe onde estão; mas todos sabem *como* morreram.

Lince

Herminas

Partiram num dia claro, confiantes na pureza do céo. Não repararam, no éste, a imperceptivel fenda na cupula de jade, annuncio da borrasca proxima. Pelo meio do dia a neve começou a cair, e, ao mesmo tempo, o vento a pulverisava em todas as direcções. Cégos, os caçadores caminham em circulo. Acabam succumbindo de fadiga. Bastou um momento de abandono de forças para que se deitassem e as pesadas correntes do frio os prendessem para sempre.

Na primavera, assim que a neve que lhes serve de mortalha se desmanche, os lobos disputarão os seus cadaveres. Os servidores das mulheres morreram no campo de Honra.

Por tudo isso ellas devem pensar um pouco nelles. Elles sabem para onde vão as pelles pelas quaes arriscam a vida. Arrumando-as, muitas vezes o caçador solitario para o seu trabalho e se põe a sonhar!...

Evóca as lindas mulheres, e sorri melancolico, imaginando o effeito que vae fazer, sobre umas bellas espaduas, aquella magnifica *raposa argentée*...

Lina Demoel e Carlos Leal na revista "Zé Povinho"; grande successo do Theatro Variedades de Lisboa.

Erros e males do nosso theatro

Se é má a situação do theatro de comedia entre nós, orientada, como fiz ver, na chronica passada, por artistas, além de rasoavelmente cultos, intelligentes, muito peor é a do de revista.

A direcção de uma companhia, ou melhor, de uma temporada theatral, não póde ser confiada a qualquer pessoa, por maior que seja o enthusiasmo dessa pessoa e a sua bôa vontade. A funcção exige alto senso artistico, bôa cultura literaria, talento acima da média e sensibilidade de caracter especial.

Não cabe, evidentemente, ao vendeiro da esquina indicar como devem ser organizados os programmas dos recitaes Brailowsky. Presumir um ignorante ou um analphabeto que está á altura de decidir sobre merito de espectaculos a serem offerecidos á população de uma cidade como o Rio de Janeiro é o mesmo que acreditar um poeta que póde dirigir o Banco do Brasil.

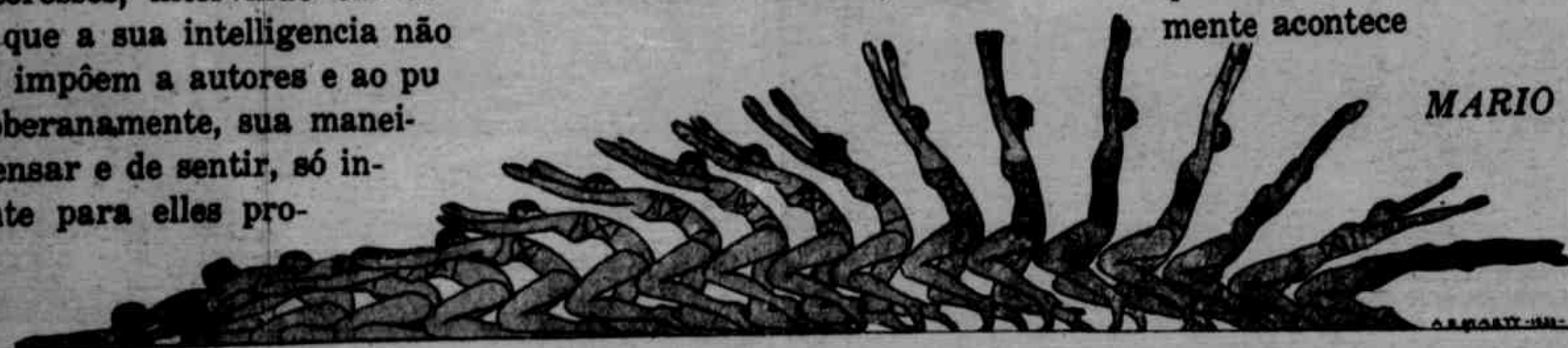
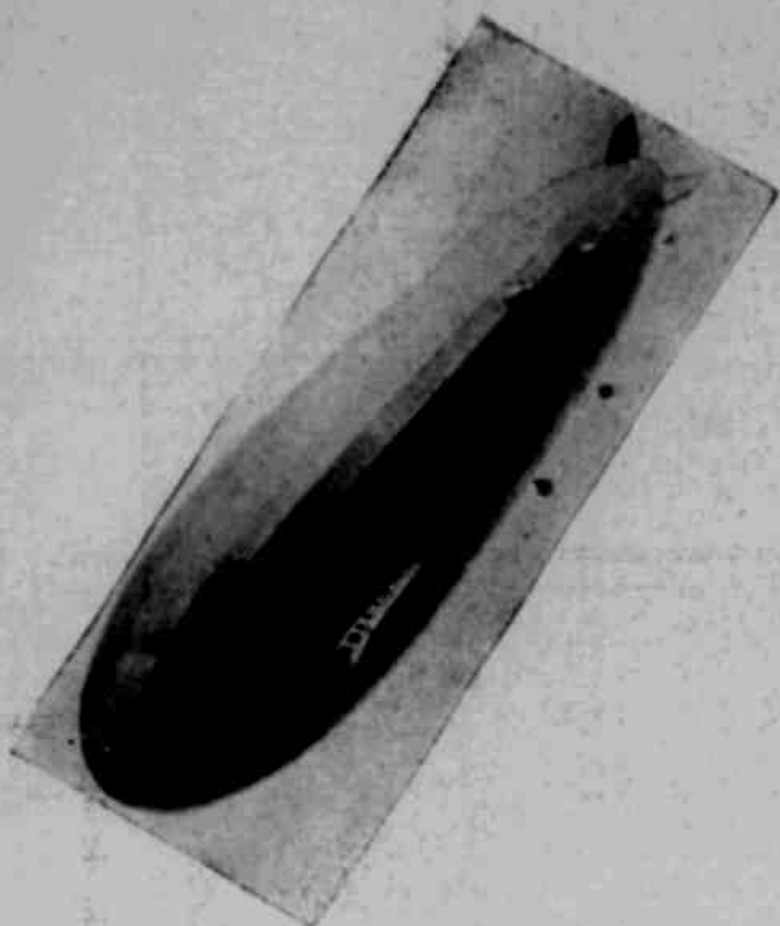
Não têm faltado ao nosso theatro de revista empresarios, empresarios audaciosos e com dinheiro; nenhum, porém, pelo menos nos ultimos dez annos, com qualidades de director artistico, ou capacidade para a funcção, muito embora insistam em occupar semelhante cargo. Acreditando que o capital é omnipotente e omnisciente e ainda porque, na sua estreiteza de vistas, crêem que defendem melhor os seus interesses, intervindo em assumpto que a sua intelligencia não alcança, impôem a autores e ao publico, soberanamente, sua maneira de pensar e de sentir, só interessante para elles proprios e para os que, pertencendo ás camadas sociaes mais modestas e illetradas como elles pensam ou sentem.

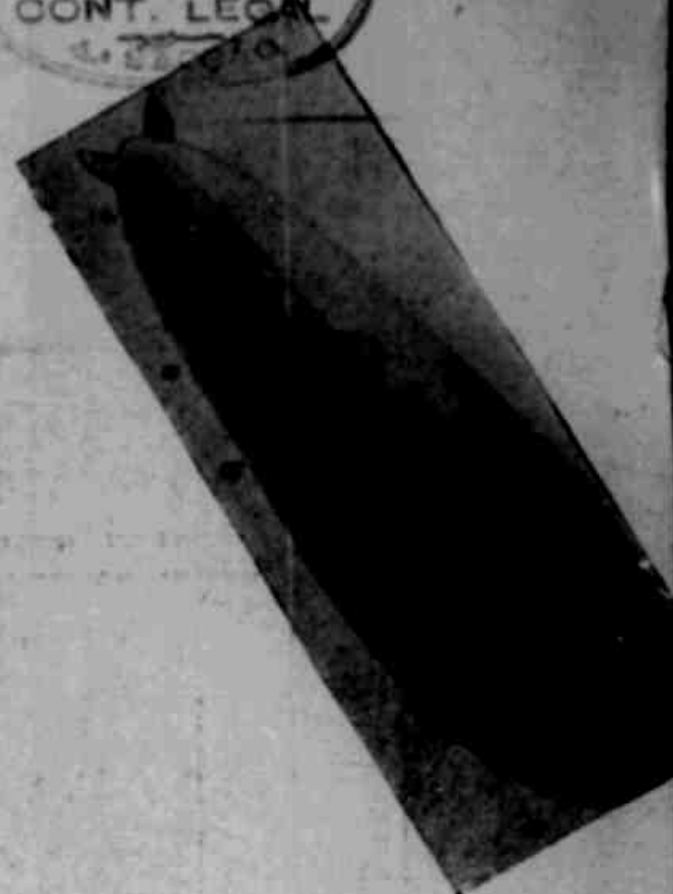
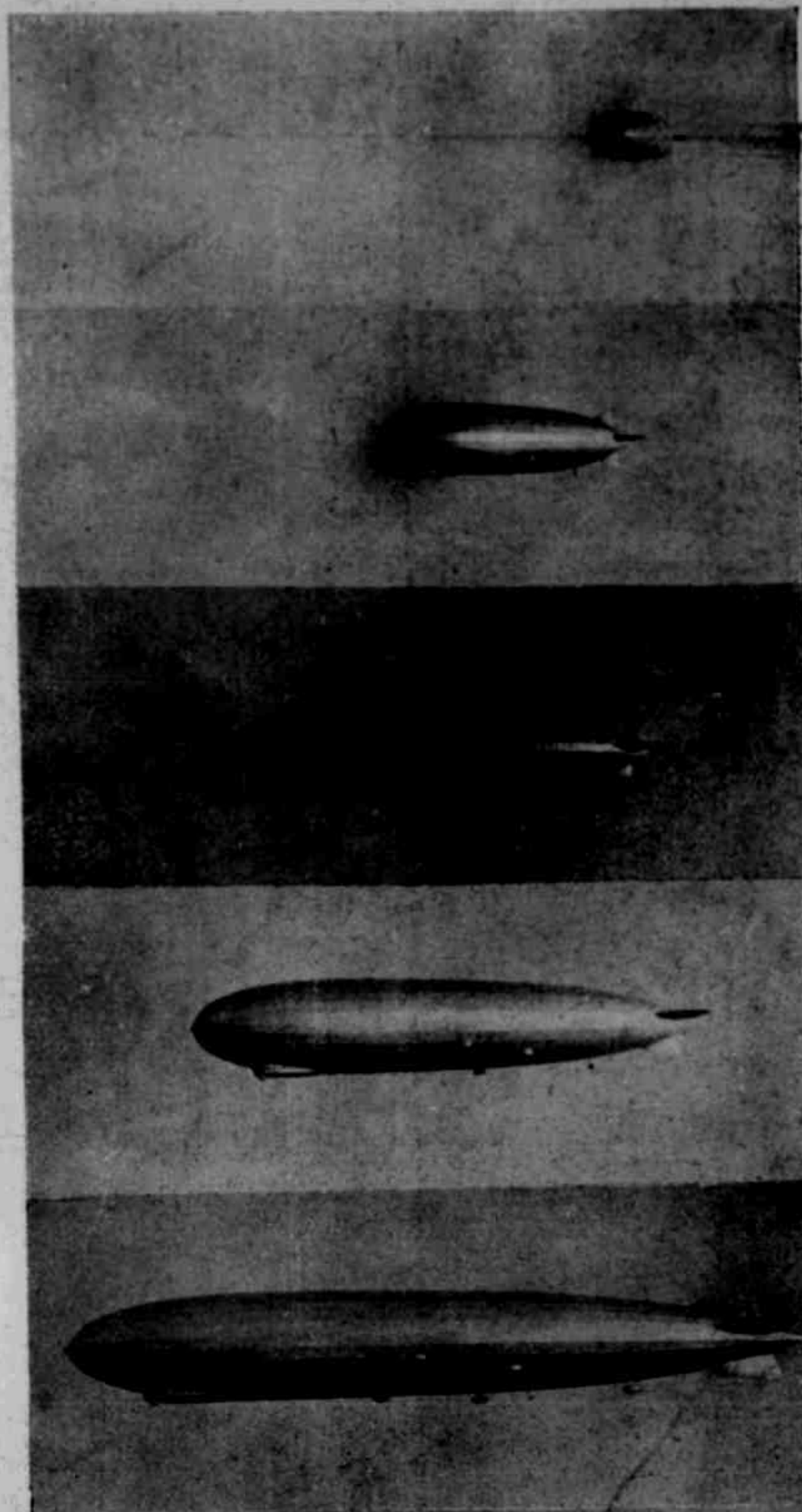
Nossos empresarios, que se erigem em directores artisticos, as pessôas que elles elegem para tal encargo, os ensaiadores do poema — como dizem — e dos corpos de côro e de baile são todos, salvo uma ou outra rarissima excepção, de causar dó. Não têm uma idéa, nada sabem do que pretendem ensinar e se rebelam — porque, coitados, não as comprehendem, — contra toda e qualquer novidade que o autor procure apresentar. Mas não é só a novidade. Sempre que haja brilho de linguagem, fino espirito, emoção elevada sua desapprovação é immediata. Não serve, isso não dá — decidem. E é inutil insistir. O theatro é delles, o dinheiro é delles; elles é que sabem, elles é que entendem. E o publico não quer senão o que elles querem...

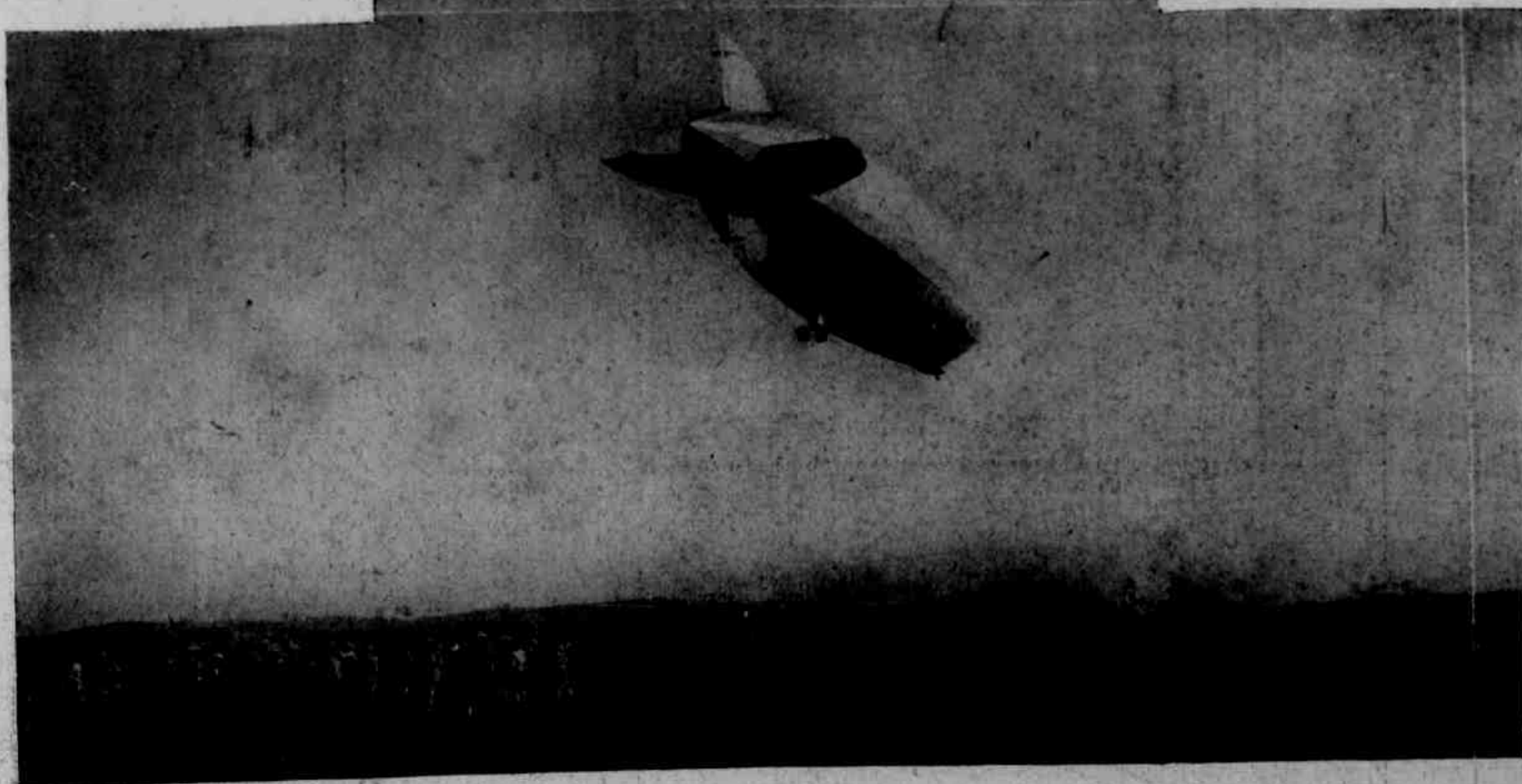
Por isso o theatro de revista é sempre o mesmo. Só evolue quando alguma companhia estrangeira aqui aporta e exhibe os progressos do genero lá fóra, mas evolúe, é claro, nos seus aspectos objectivos, scenarios, guarda-roupa, effeitos de luz. A face intellectual permanece a de sempre. Recusam-se, por isso, até a ouvir a leitura de originaes assignados por literatos. Não podendo apprehender bellezas acima do nivel que lhes é proprio, as boycottam.

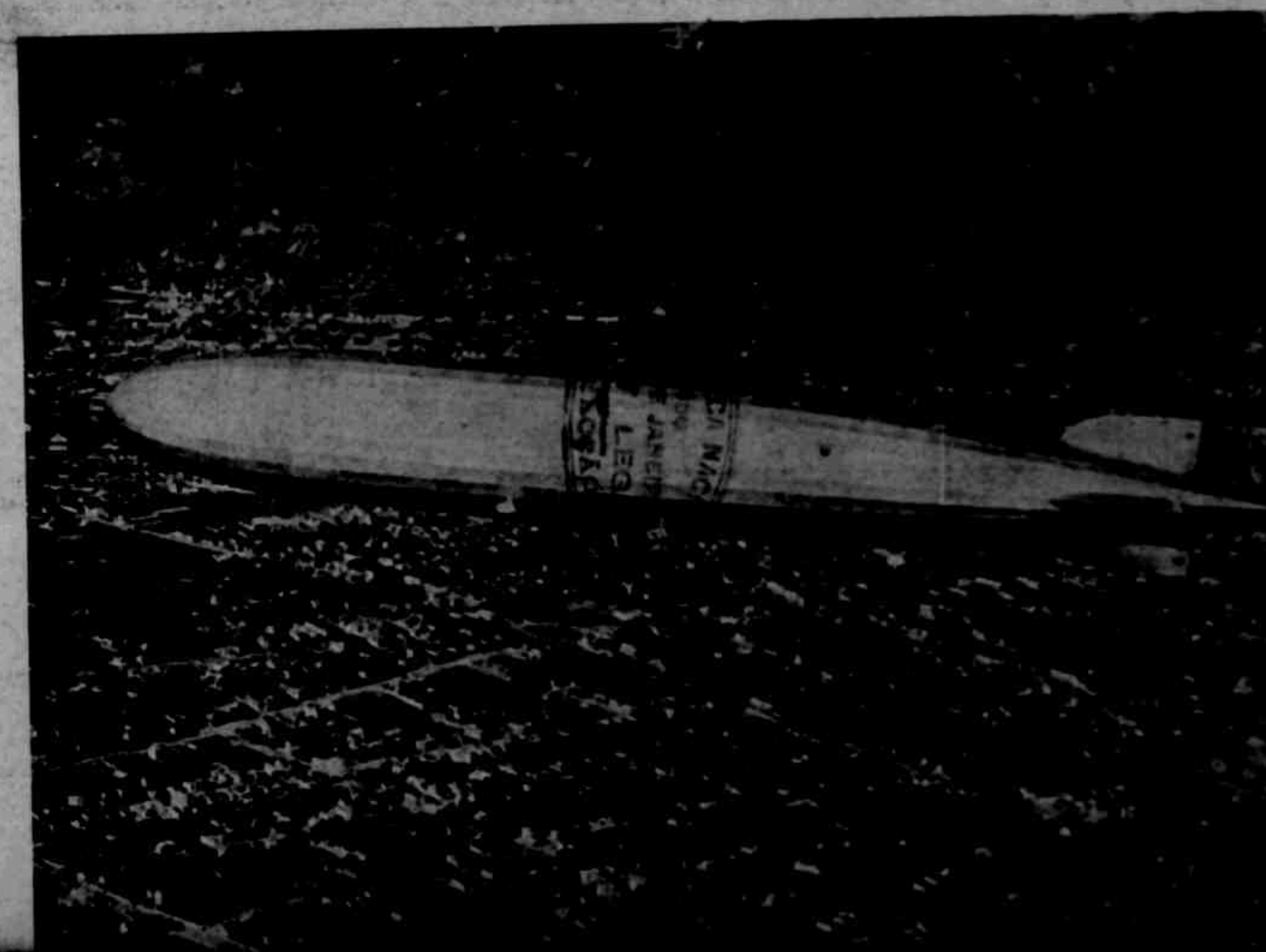
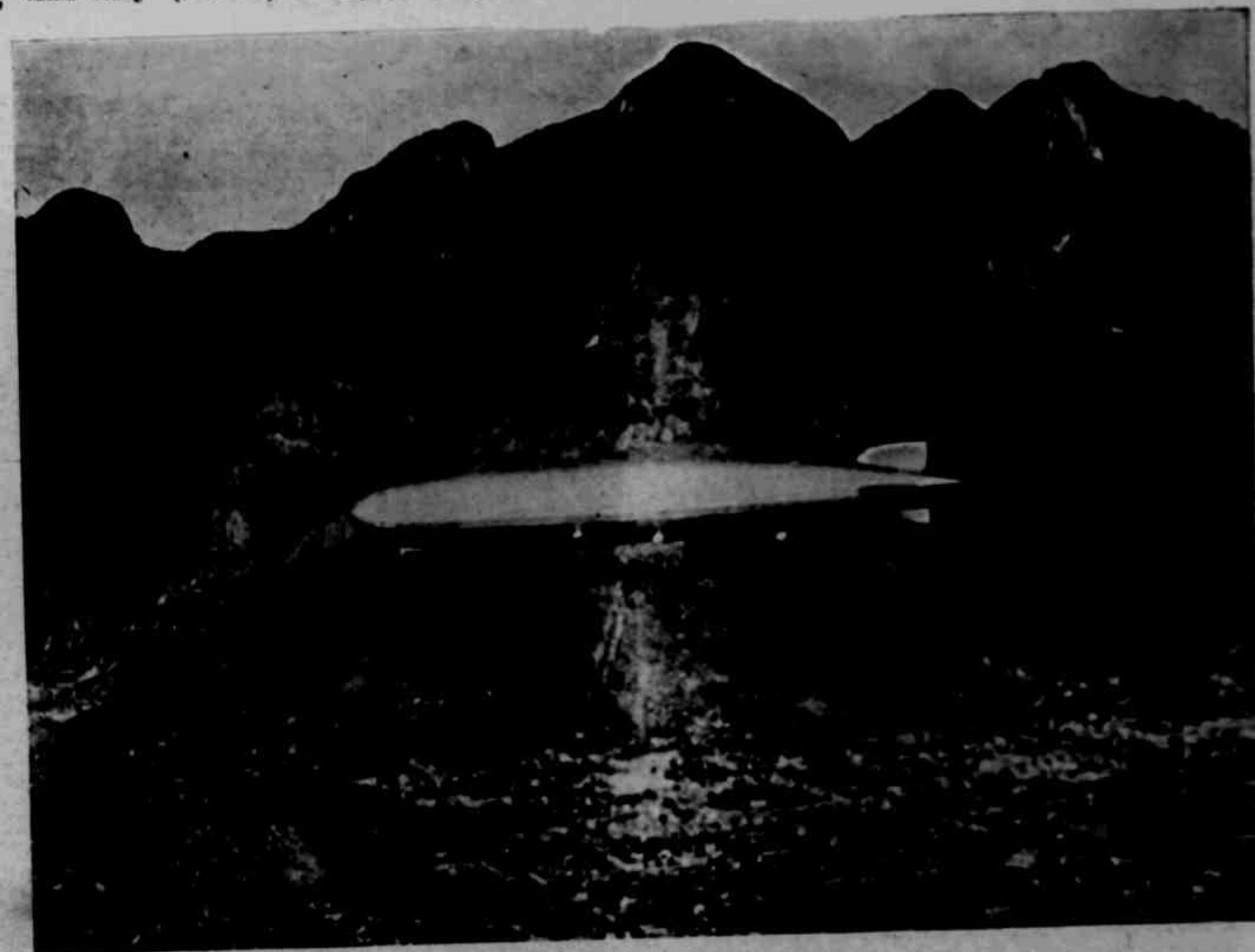
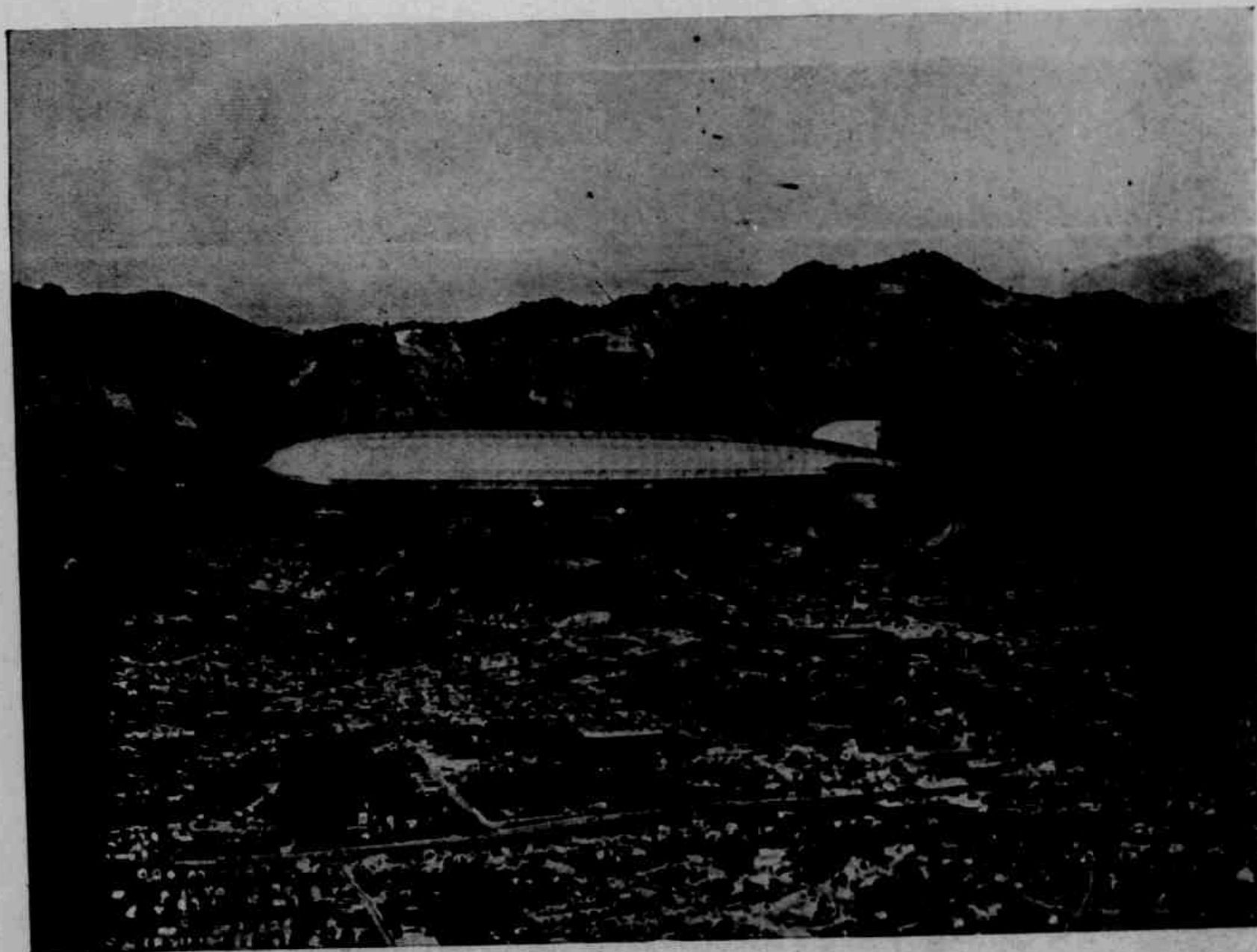
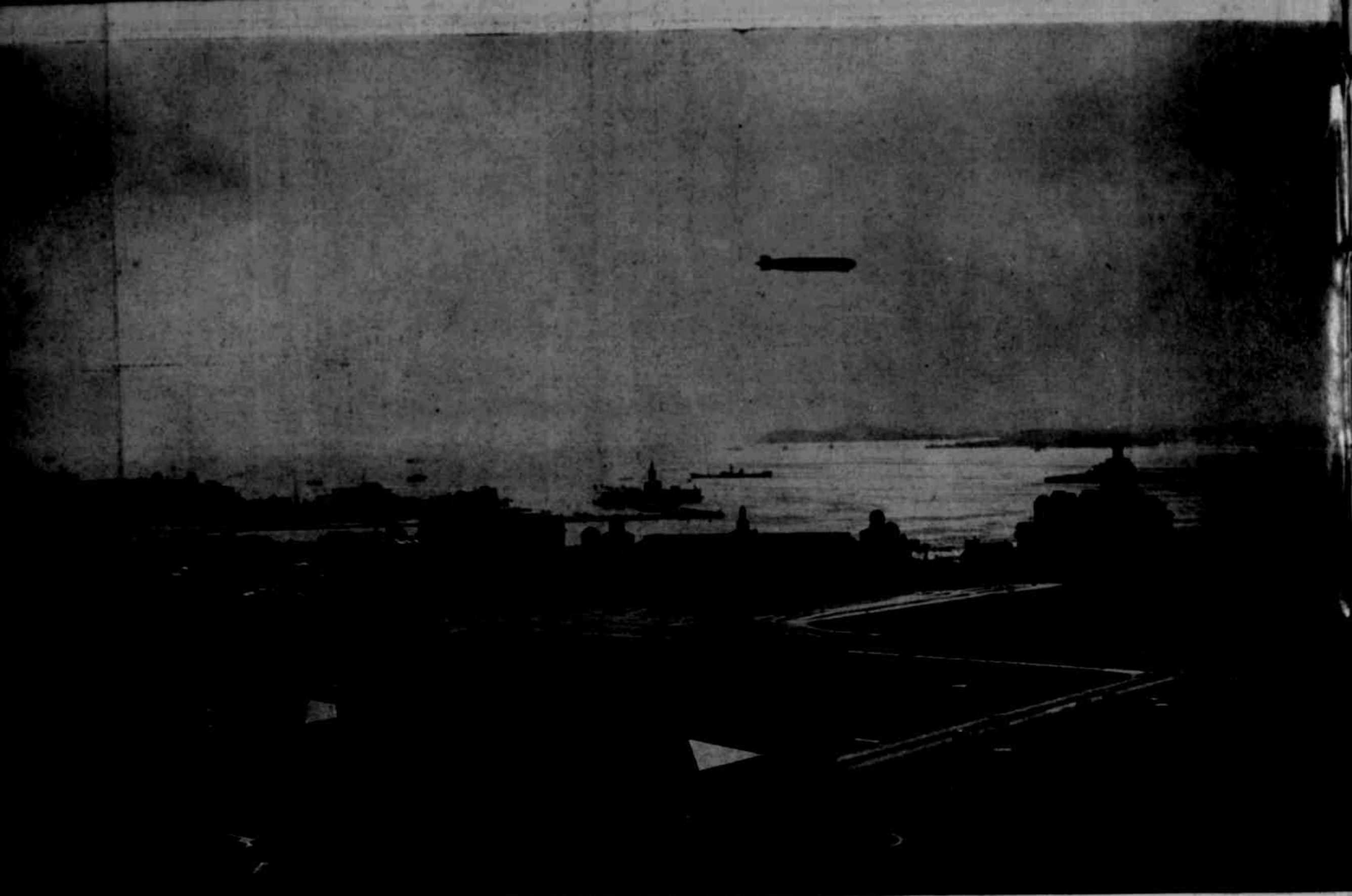
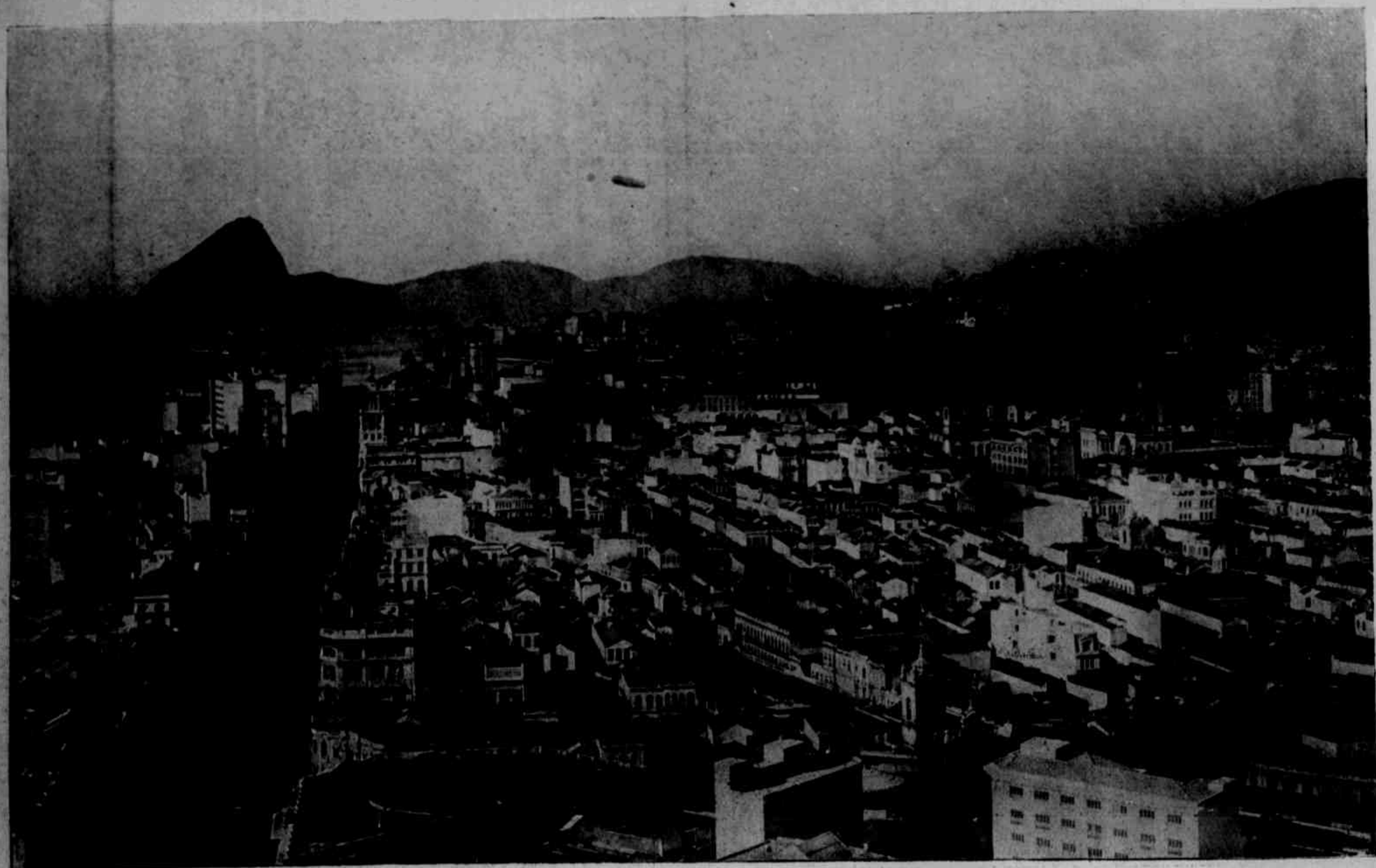
Não sou pela aceitação, sem maior exame, de peças assignadas por escriptores de nome feito. Ahi é que se torna necessario o director artistico culto e intelligente.

Elle saberá sentir dentro do seu meio e do seu tempo, o que, realmente convém e satisfaz. Mas haverá, nesse caso, um criterio a que os intellectuaes se poderão curvar sem se sentirem diminuidos, amesquinhados, humilhados como actualmente acontece

MARIO NUNES

ZEPPELIN

A gente não dormiu á espera delle. Mas o Zeppelin não veiu de noite para não acordar com o barulho dos

motores a cidade que não queria outra coisa. De manhã cedo, um grito encheu de repente a terra de São Sebastião : — Olha elle !

E elle surgiu no horizonte. Primeiro foi um pontinho reluzente. Depois, um ovo de prata. Depois, uma bala

com verrugas. Em seguida, era um peixe voador, lindo. E afinal o Graf Zeppelin, propriamente dito, pousou no Campo dos Affonsos.

O Graf Zeppelin, na manhã de domingo, 25 de Maio, voando sobre o Rio de Janeiro

Em cima: Andarahy; em baixo: Catumby (esquerda), Andarahy (direita) e Tijuca (esquerda e direita)

O Graf Zeppelin sobre a Esplanada do Castello e a caminho do centro da cidade

O Graf Zeppelin passando pelo Pão de Assucar e pelo Corcovado, domingo de manhã

De madrugada, nas nuvens — No frio de domingo cedo — Ainda as luzes da cidade estavam accesas — Sobre a Avenida Atlantica — Sobre a Urca — Entrando a barra — Sobre o Flamengo

O GRAF ZEPPELIN

(Photos cedidas pela Aviação Naval. Foram tiradas do avião 332 pilo

Sobre a Lagôa Rodrigo de Freitas — No Largo dos Leões — Em Nictheroy — De rumo ao Campo dos Affonsos — Approximando-se do Campo dos Affonsos — Quasi a tocar a terra — Entre a nevoa — Despejando agua para descer

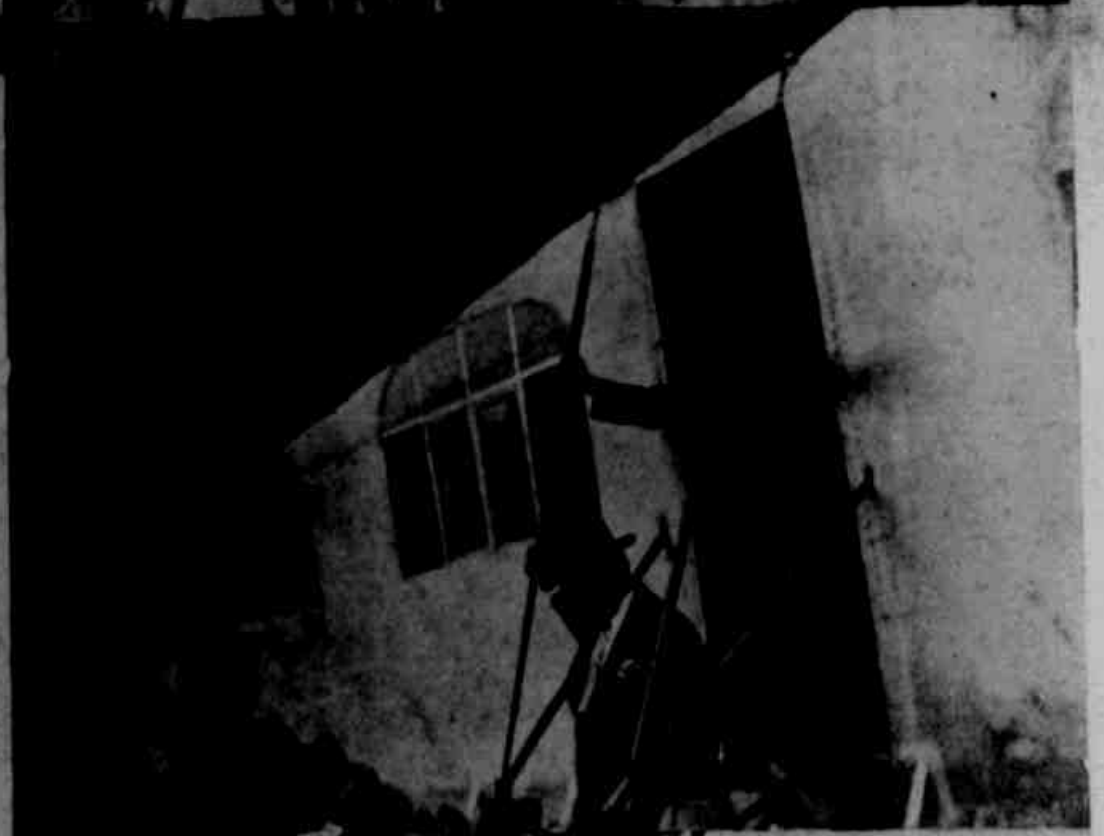
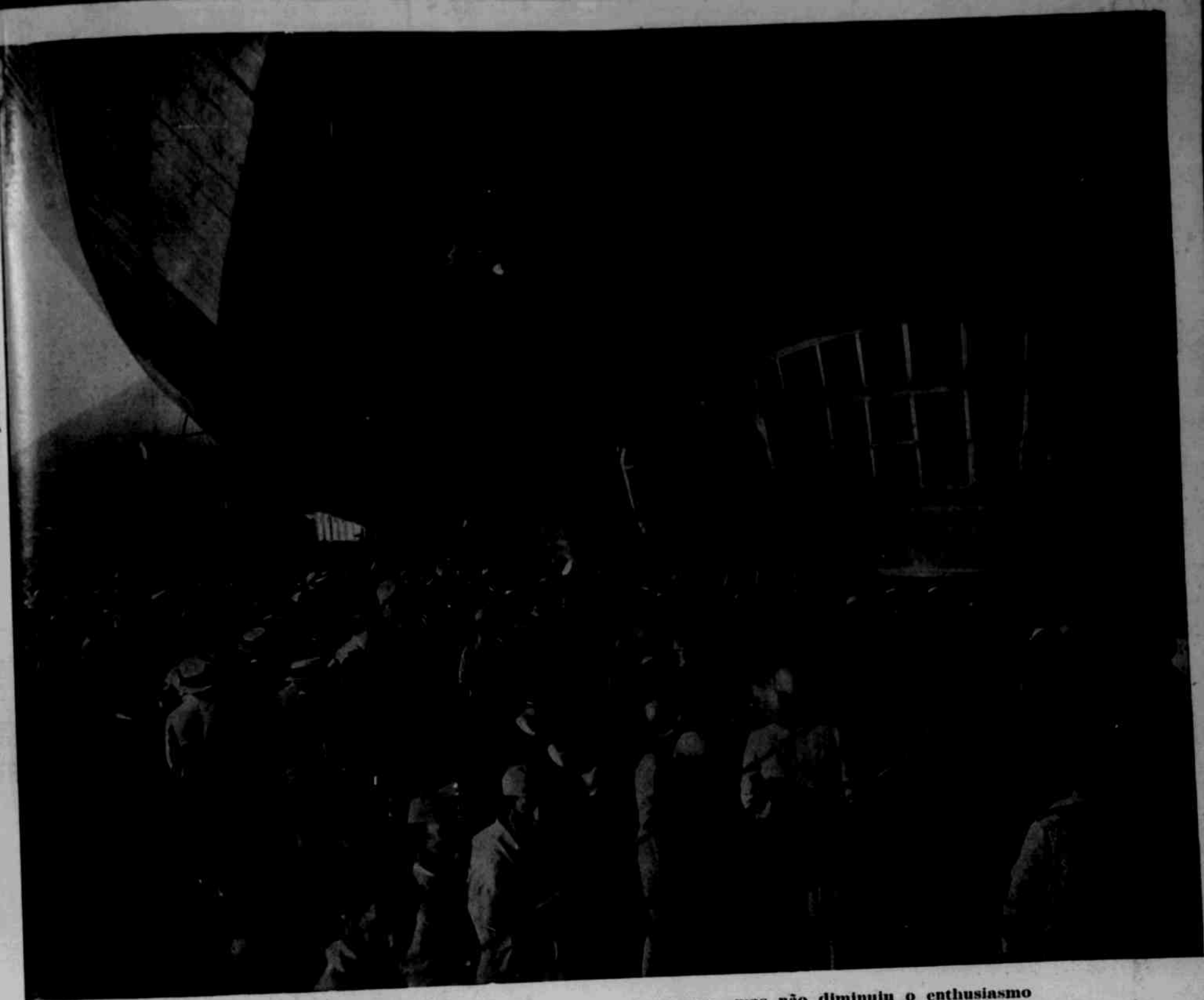
N O R I O D E J A N E I R O

tado pelo Capitão - Tenente Dias Costa e pelo Tenente Kfuri)

O Graf Zeppelin

Voando entre o Pão de Assucar e a Avenida B

ida Beira-Mar, sobre a bahia do Rio de Janeiro

NO CAMPO DOS AFFONSOS

Instantaneos da descida da amarragem, sahida de passageiros, impressões da viagem estupenda

A hóra da chegada do Zeppelin diminuiu a gente no Campo, mas não diminuiu o enthusiasmo

O Prefeito Antonio Prado Junior entrando no Zeppelin e o Commandante Eckener recebendo flores

Dentro do Graf Zeppelin

O Engenheiro Knud Eckener, filho do commandante Hugo Eckener.

Lady Grace Drummond-Hay que desde a viagem inicial até hoje nunca deixou de ser passageira do Graf Zeppelin.

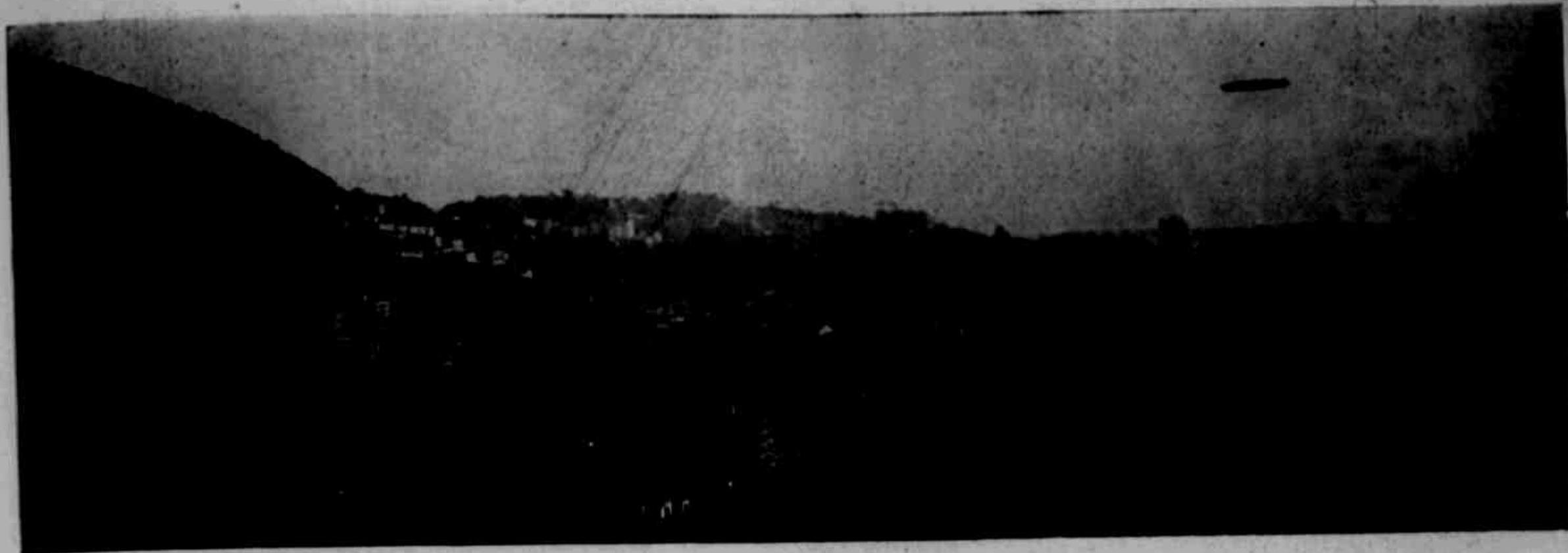
E' correspondente de varios jornaes.

O Capitão von Schiller, commissario de bordo, official de navegação aerea.

No centro:

Os capitães Curt Fleming e E. A. Lehmann. O primeiro commandou durante a guerra mundial diversos dirigiveis, e no anno de 1919, commandou o dirigivel "Los Angeles" para a America do Norte, ficando ahi como instructor durante muitos annos. O capitão Lehmann é commandante de dirigiveis desde 1912. Na guerra mundial fez a magnifica viagem á Africa, levando medicamentos e munição, sendo por isso elogiado unanimemente

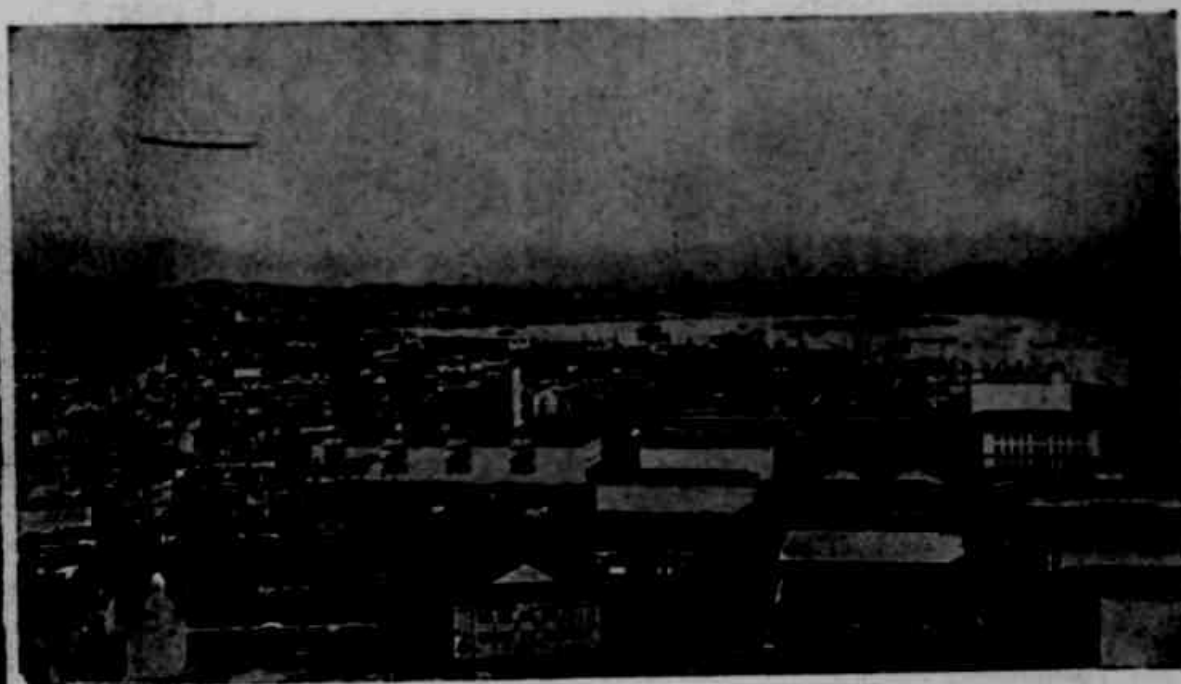
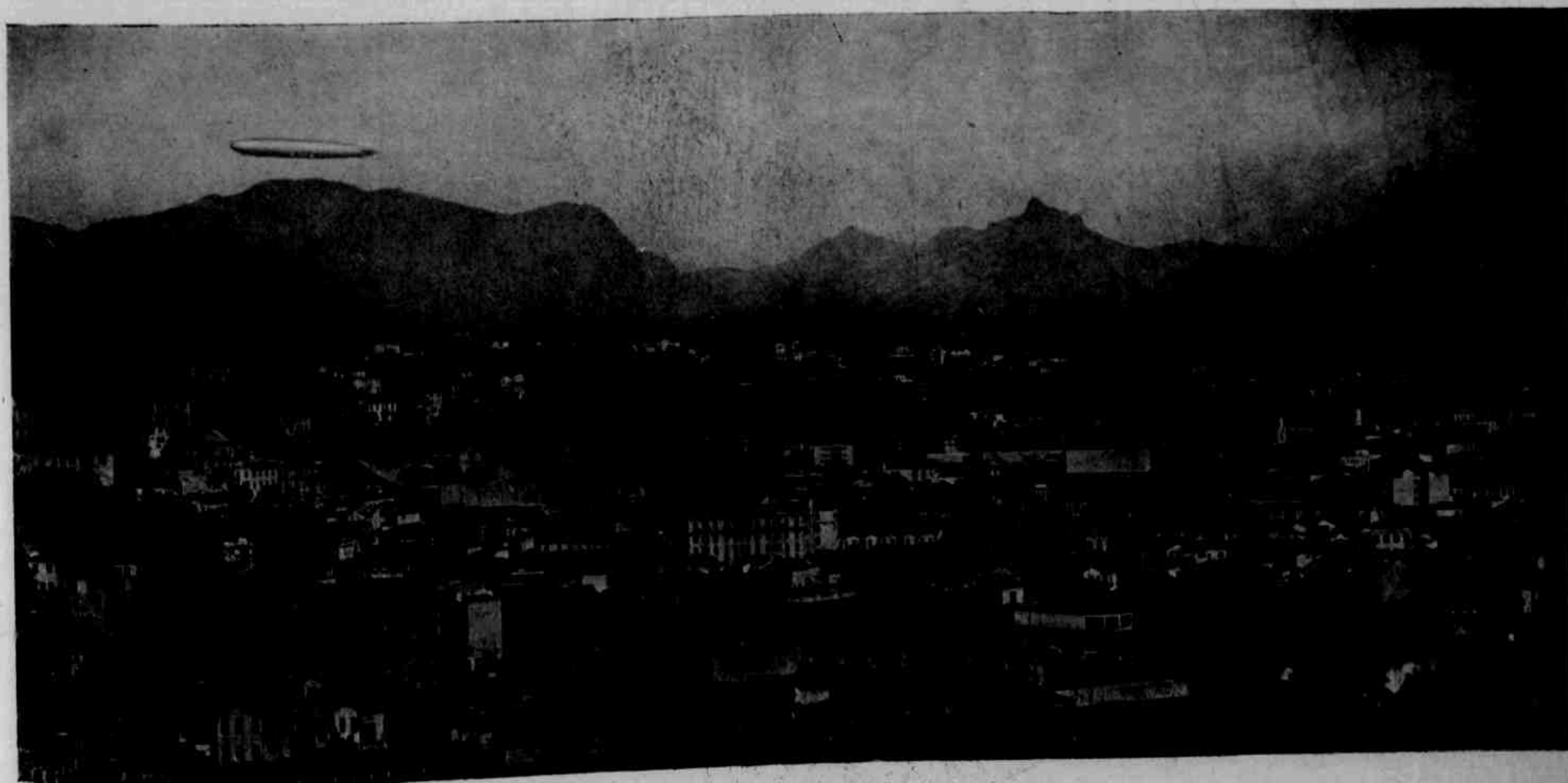
Em baixo: duas creaturas indispensaveis: o que faz as comidas, Manz, e o que as serve, Kubis.

Um domingo maravilhoso

O Graf Zeppelin, depois de largar do Campo dos Affonsos, onde parou pouco tem-

culo novo. A grande bala côr de prata encheu de alegria ás ruas e as mon-

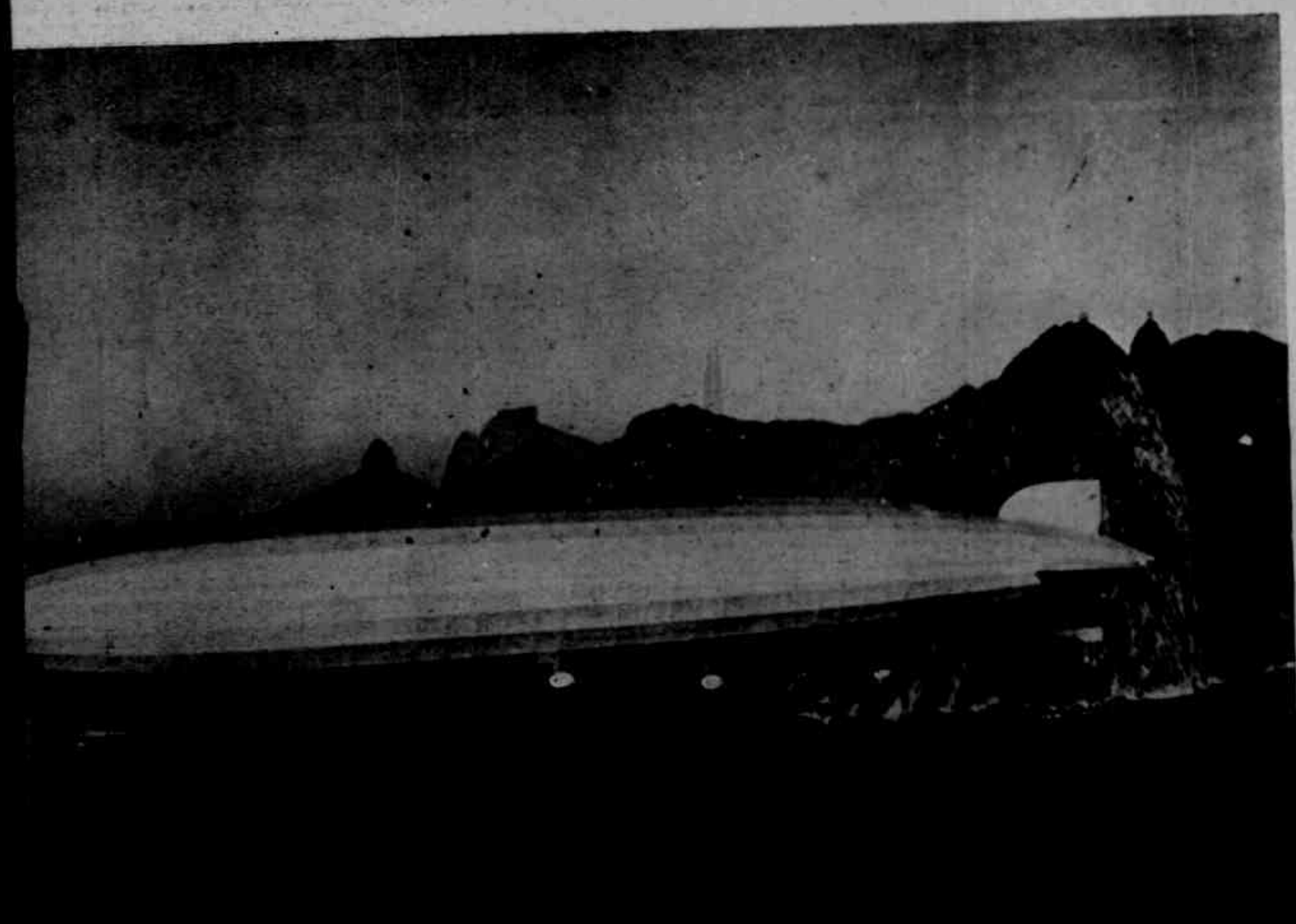
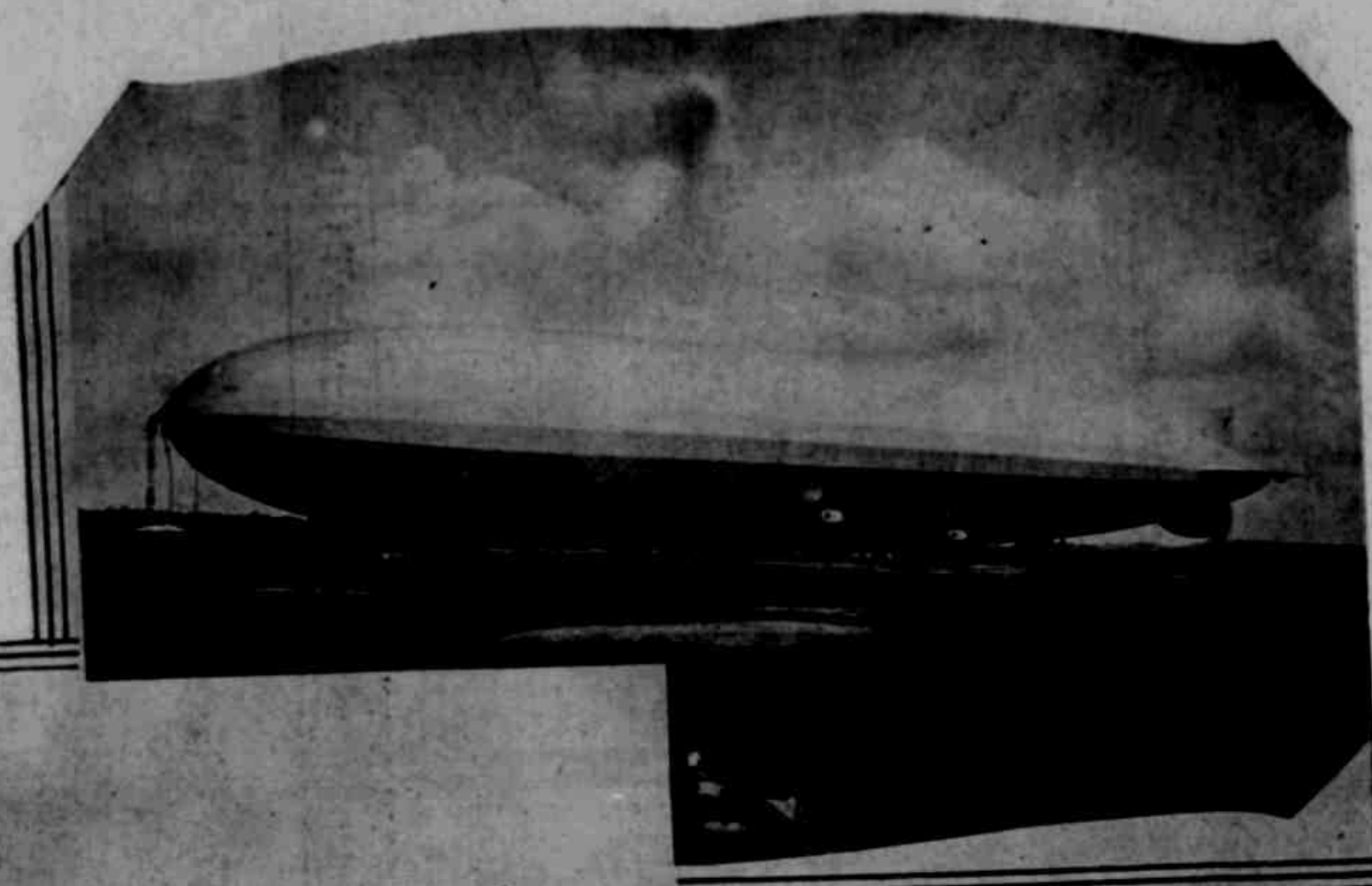
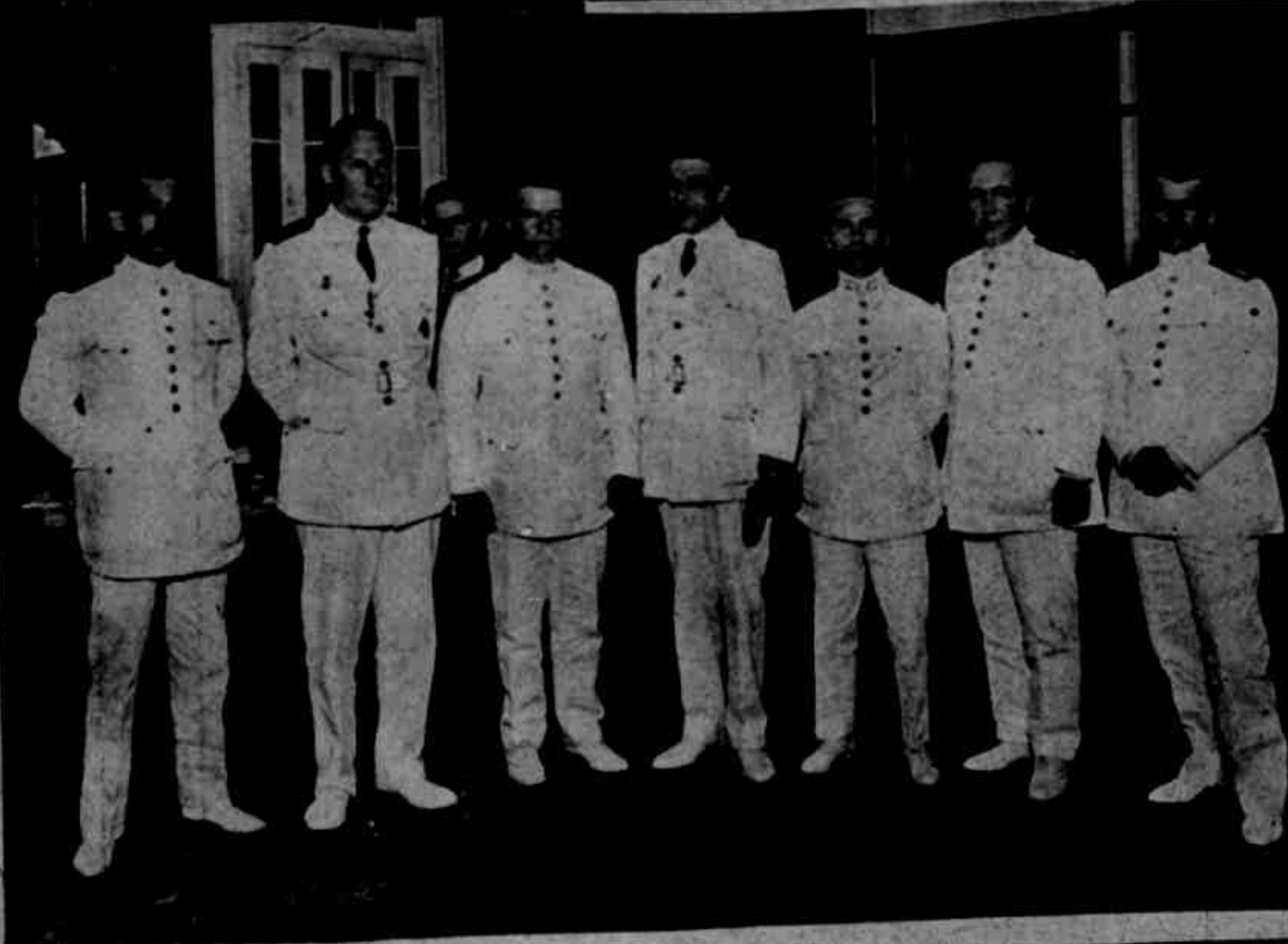
Na cidade maravilhosa

po, andou voando sobre o Rio de Janeiro. Todos os bairros tiveram o especta-

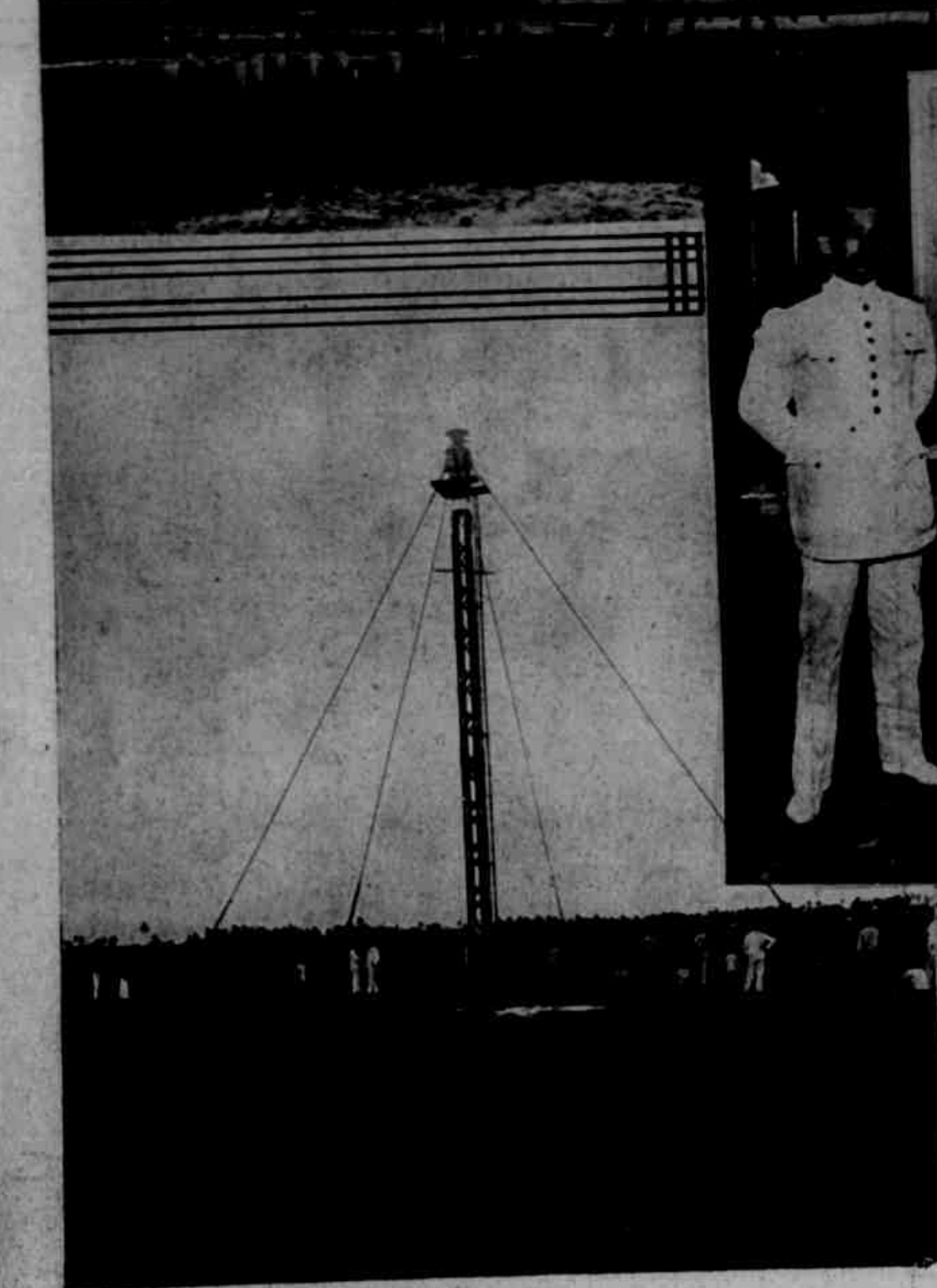
tanhas da terra carioca. Fez um domingo maravilhoso na cidade maravilhosa.

O Graf Zeppelin

No Rio de Janeiro

Passando sobre o Morro da Gloria durante o passeio pelo céo carioca.

Em baixo: as quatro ultimas photographias no Rio quando sahia para Recife.

O Graf Zeppelin em Recife

Dom Affonso de Bourbon e Orléans, Infante de Hespanha, passageiro do grande dirigivel, em visita ao Commando Geral da Força Publica do Estado de Pernambuco. Dom Affonso é o segundo, á esquerda. O Graf Zeppelin amarrado. A torre de amarração no aerodromo de Jequiá.

BRAILOWSKY

(Desenho de J. Carlos)

Musica

COM o reapparecimento de Guiomar Novaes, no Theatro Municipal, ficou inaugurada a estação de concertos deste anno. Bella e empolgante inauguração essa, que moveu toda a elite musical carioca, para render a homenagem da sua admiração incondicional, á gloriosa artista brasileira, cujo nome ninguem pronuncia sem evocar logo o brilho excepcional com que está elle gravado no coração do nosso publico.

E', realmente, symptomatico o que se passa com Guiomar Novaes, no Rio de Janeiro. Ella, com a sua arte, a sua interpretação, a sua sensibilidade, a sua sympathia, desmente o velho aphorisma segundo o qual "ninguem é propheta em sua terra" com a gloriosa artista o aphorisma caiu por terra fragorosamente. Os annos se passam, as artistas se succedem, os grandes nomes dos cartazes se substituem e o prestigio de Guiomar Novaes junto a platéa carioca continúa de pé, como ha quinze annos passados, quando ella aqui estreou.

Ninguem lhe tira o logar que a sua arte conquistou para o seu nome glorioso. Os annos se passam, sim, mas não se altera o enthusiasmo do auditorio Os artistas se succedem, mas nenhum consegue desbancal-a da predilecção da platéa carioca. Os grandes nomes dos cartazes se substituem, mas nenhum conseguiu ainda ter o condão de attrahir o publico, com o mesmo enthusiasmo. Eis porque Guiomar Novaes desmente o carrancismo do aphorisma. Ella é propheta em sua terra, excepcionalmente propheta, como talvez nenhum outro o tinha conseguido ser ainda. E nada mais justo que assim o tenha sido e continue a ser. Guiomar Novaes, entre todos os grandes pianistas da epoca, occupa um logar inconfundivel. A impressão que se recebe de um artista é sempre o resultado de uma comparação que se faz com outros.

Póde-se avaliar perfeitamente a interpretação de uma pagina de musica através da personalidade do interprete. Avalia-se melhor, porém, pela comparação de outras interpretações. A critica artistica, no final de contas, não é outra coisa. Guiomar Novaes, entretanto, é uma pianista que tem de ser apreciada de uma fórma especial. Collocada pela imprensa européa e norte-americana, entre os grandes pianistas contemporaneos, ella se mantém num logar a que nenhuma póde attingir. Isso se observa com uma simples comparação entre todos os grandes pianistas da actualidade e a nossa gloriosa pianista. Guiomar Novaes é Guiomar Novaes apenas. A sua technica pianistica póde rivalizar com a dos maiores *virtuosi* dos nossos tempos. A sua execução, porém, nunca poderá ser camparada com a de nenhum delles, porque é inconfundivelmente feminina, tanto nas paginas de pura mecanica de dedos, como nas de maior exigencia de brilho ou de bravura.

Da mesma forma, as suas interpretações primorosas são interpretações de uma artista com personalidade propria, cuja sensibilidade é egualmente feminina, mas sadia, cheia de vida e de saude, o que não se dá muitas vezes mesmo até com pianistas dos mais notaveis que temos ouvido.

Comprehende-se, pois, perfeitamente, que Guiomar Novaes continue a gosar hoje, como ha quinze annos passados, do mesmo prestigio junto do enthusiasmo do auditorio musical carioca. Guiomar é Guiomar — artista verdadeiramente sem par, que póde comparar-se, pela technica, aos maiores pianistas do mundo, mas que, como personalidade e, portanto, como interprete, não se confunde nem compara com nenhum delles — como aliás nenhum delles se compara nem confunde entre si. Guiomar Novaes é Guiomar Novaes, elogio de que nem todas as gran-

(Termina no fim do numero).

T. G

BUR

NUM paiz de fantasia, perdido no tempo e no espaço, presidido por Onagro Maximo, viviam milhares de seres, cujas almas provinham de outros seres que, em outra vida, tinham vivido noutros paizes, talvez, menos fantasistas, mas não menos exoticos.

A transmigração das almas é, como se sabe, uma das mais velhas crenças da India e do Egypto e o seu dogma teve franca acolhida entre os povos do Occidente, onde, ainda nos nossos dias, muitos philosophos o defendem ardorosamente. Que esses grandes homens têm razão, prova-o este singelo relato.

O presidente Onagro Maximo, de temperamento indolente, para quem a lei do menor esforço chega a ser uma obcessão, não se preoccupava com os problemas vitaes da nação, deixando-os aos cuidados do seu ministerio.

Verdade seja que, naquelle paiz de fantasia, perdido no tempo e no espaço, tudo se achava admiravelmente simplificado: sem fronteiras, livrava-se de discussões sobre limites territoriaes; não fazendo parte da liga das nações, dispensava-se de pensar na limitação de armamento e de discutir tratados de paz que, na proxima opportunidade, serão mandados ao diabo; não havia embaraços creados pela carestia da vida porque, para evitar o abuso dos senhorios, não era permittida a construcção de casas e não havia modistas, alfaiates, sapateiros, etc., porque o unico traje admittido era o paradisiaco.

As fluctuações do cambio, a estabilização da moeda e todo e qualquer problema financeiro, eram ignorados naquelle paiz asinino.

Tribunaes, leis, juizes, advogados, escrivães e todo esse apparelho complicado que, — como muita gente muito bem pensa, — só serve para fomentar o crime e desencadear as prisões, ali, eram completamente desconhecidos.

Os conflictos individuaes que não passavam de dentadas ou coices, mais ou menos fortes, não reclamavam a necessidade de policiamento, tanto mais que ali se desconheciam os crimes passionaes e — oh! caso virgem na historia do mundo! — não se sabia da existencia de ladrões!

A questão alimentar tambem não offerecia preoccupação porque, naquella admiravel republica, o maximalismo era principio basico, e como o capim crescia ao léo da natureza, cada qual servia-se a seu talante.

— * —

Numa dessas manhãs lindissimas, mas ardentes, um grupo de habitantes daquelle paiz de fantasia, perdido no tempo e no espaço, esquivando-se do calor, entrou numa especie de gruta que resplandecia sob a luz rutilante do astro rei. Resplandecia? melhor: faiscava de reflexos que corriam sobre o schisto, como chammas furtacôres.

Um largo fio de agua, limpida e fresca, descia pela rochosa parede e deslisava pelo caminho que, com o dobrar dos annos, havia aberto chão afóra.

Apenas ali entraram, os magros habitantes, deliciaram-se, sorvendo a espaços a preciosa limpha que vinha do alto, crystalina e refrigerante. Desalterados, com os focinhos ainda humidos, ouvindo o brando susurro da agua que lhes corria ás patas, quedaram-se assim um bom pedaço...

Naquelles olhares mortiços, menos somnolentos que melancolicos, percebia-se o trabalho interior para aferir as responsabilidades do passado...

Eis senão quando, um delles murmurou lamentosamente: (*)

— Tivemos a sorte que merecemos!

— Penso do mesmo

modo, respondeu outro.

Os demais fizeram com as grandes orelhas um gesto de assentimento.

— Na outra vida, julguei-me s.u p erior aos meus concidadãos, continuou o primeiro; julguei-me dotado de espirito e de talento, illustrado e observador... e por isso, me abalancei a escrever.

— Tal qual como eu, a c u d i u o segundo. Apesar de não ter aptidões para nada, fiz-me critico de arte... A pintura, a esculptura, a musica, o theatro, nada escapou á minha sanha! Rachava tudo de alto a baixo!

— E eu, replicou um terceiro, se bem que mal conhecendo o abecedario, fiz-me director de um grande jornal, onde acolhi os dois, lembram-se?

— Perfeitamente, respondeu o primeiro. Foi nesse grande diario que lancei os meus primeiros trabalhos. Depois, então, é que escrevi romances...

— Como eu desanquei esses romances, commentou o ex-critico, rindo ironicamente. Neguei-lhe tudo: originalidade, pureza de estylo, imprevisto, emoção e observação. Aqui á puridade: nunca li nenhum desses romances.

— Fracassando no romance, atirei-me ao theatro... Ahi é que dei as maiores provas de ser burro!

— Perdão burro maior foi este seu creado que, depois de o ter desancado como romancista, o elogiei como theatrologo!

— Com licença, opinou o ex-director do grande diario, dos tres, o mais burro fui eu, porque apesar dos seus romances não prestarem e das suas peças serem horriveis, consenti que este as elogiasse nas columnas do meu jornal.

Um quarto personagem interveiu delicadamente no debate:

— Ha um burro maior: eu, porque representei essas peças, julgando-os de valor, e julguei justos, embora áquem dos meus meritos, os louvores que, ao meu desempenho, fez aqui o grande critico.

— Q u e direi, eu então, acudiu um quinto representante asinino.

Embora analphabeto e nulo, fiz-me empresario theatral e contractei este c a n a s t r ã o para astro da minha companhia. Depois puz em scena as borracheiras escriptas por este theatrologo das duzias e... deixe-me *morder* por este critico louvaminheiro.

— Ah! ah! ah! A gargalhada que se acabava de ouvir partia da bocca escancarada de uma figura que até aquelle momento se conservara como simples ouvinte.

— Por que se ri? inquiriu o ex-empresario.

— Por quê? Porque os companheiros têm a honra de ter na sua presença o mais burro de todos.

Houve uma exclamação de espanto.

— Duvidam? Pois, então, oiçam lá: um cretino que escreve pepineiros sem graça; um critico inconsciente que, ataca ou elogia, ao sabor do capricho ou dos *arames;* um proprietario de jornal sem escrupulo na escolha dos seus redactores; um actor ignorante, sem talento e cabotino e um empresario analphabeto e incompetente, são realmente muito burros e mereceram absolutamente que as suas almas transmigrassem para corpos de jumentos. Porém, de todos esses, aquelle que mais mereceu essa sorte, por ter a primazia da burrice, fui eu.

(*) *Não se extranhe que, naquelle paiz de fantasia, os burros falem, porque, entre nós, tambem ha muito burro com o dom da palavra.*

(Termina no fim do numero).

PAIZ DE DOUTORES

A VIDA nacional póde ser dividida em tres phrases: a dos barões, a dos coroneis e a dos doutores...

A vaidade humana tem sêde de honrarias, reclama titulos honorificos, condecorações e diplomas...

No Imperio tivemos a época dos barões. Qualquer fazendeiro analphabeto e rico podia comprar um titulo de nobreza como se compra uma camisa. Depois, fantasiava uma arvore genealogica e acabava parente de Nuno Alvares ou de Affonso Henriques, com cinco castellos nos brazões... Os titulos de barão eram os mais baratos que existiam no mercado. O Brasil ficou cheio de barões. Nobreza de emergencia que acabou por desmoralizar inteiramente a nobiliarchia imperial.

Veio a Republica e extinguiu os titulos de nobreza, as commendas e todas as distincções dessa ordem. Mas a vaidade nacional reclamou fortemente e o governo, sendo forçado a attendel-a, criou a "briosa". Guarda Nacional, de grotesca memoria. Uma commenda disfarçada numa farda vermelha, apparatosa, carnavalesca... Uma patente de coronel custava uns 300$000.

E o paiz ficou sendo o paiz dos coroneis...

A campanha de ridiculo emprehendida contra o coronelismo — (João do Rio foi um dos que mais o combateram) — acabou, finalmente, por surtir effeito. Foi extincta a guarda nacional. O deboche contra os membros da "briosa" foi tão vehemente, tão causticante, que "coronel" é hoje um termo pejorativo, injurioso...

Succedeu-se a phase dos doutores, que culmina no actual momento. Toda a gente quer ser doutor. E' uma obsessão collectiva. Entretanto, já temos doutores de sobra. E todos os dias vemos cavalheiros que sáem das Academias para exercer as funcções de telegraphista, de amanuense dos Correios ou de outra qualquer repartição, annulando-se lamentavelmente na chatice burocratica.

A doutorice, no Brasil, já vae assumindo as proporçõeõs de calamidade publica. Quantos acontecimentos lamentaveis póde ella causar!

Agora mesmo Amado, aquelle soberbo Amado do Flamengo, o agilissimo "keeper" que era a coqueluche das melindrosas torcedoras, que fazia o Rio delirar com as suas electrisantes "pegádas", acaba de abandonar o "foot-ball" para ser doutor. Deixou-se contagiar do mal da época e desistiu de "shootar" a pelota. Com elle agora é ali, no serio:

"DR. AMADO BENIGNO — Molestias do estomago, ouvidos, olhos, etc. — Das 8 ás 11 e das 13 ás 15 — Rua tal, numero tantos".

Amado não joga mais. Precisa impôr respeito á clientela. Se ainda jogasse, havia de ser interessante ouvir-se de uma torcedora, no auge do enthusiasmo, uma exclamação como esta: "Entra doutor Amado!"

Carlos Modesto, o galã de "Barro Humano" a melhor figura masculina que o cinema brasileiro já possuiu, desistiu de fazer o segundo film e de dar beijos na Gracia Morena. Deixou o Gonzaga coçando a cabeça e foi ser doutor tambem. Foi ser medico. Não dá mais beijos na téla para não assustar as clientes do bello sexo...

Ary Barroso, o autor daquelles maxixes gostosos, daquellas marchas mirabolantes, como a popularissima "Dá Nella"..., foi tambem roubado á sua vocação pela epidemia doutoresca. O dr. Ary Barroso, advogado, não tem tempo para fazer mais sambas. Nem lhe fica bem, de agora em diante, rimar e musicar cousas como esta:

"Eu sou da malandragem,
Gosto dessa vida assim...
Mulata, desgraçada,
Quando has-de gostar de mim?"

Estou com medo, com muito receio de que, qualquer destes dias, o Procopio abandone o theatro e vá ser engenheiro architecto constructor...

Associação Brasileira de Imprensa

Barbosa Lima Sobrinho
Presidente

Annibal Martins Alonso
1º Secretario

Eduardo Whitehursthiche
2º Secretario

A nova directoria

Vice-Presidente
Oswaldo de Souza e Silva

Raul de Borja Reis, Thesoureiro

Em baixo: Gabriel Bernardes, Procudor

Em baixo: Carlos Dias Fernandes
Bibliothecario

De São Paulo

O Terpsychore Club inaugurou o salão verde do predio Martinelli com um grande baile offerecido ás misses paulistanas.

AS MAIS BONITAS DA CIDADE BONITA

Quem foi que disse que 13 não é um numero bom ?

Todos os bairros de São Paulo estão representados nesta pagina. Alguns são morenos, outros são louros, todos são lindos.

A eleita da Terra dos Bandeirantes não veiu em 1930 da Capital. Veiu de Campinas. Mas a gente tinha vontade que viessem todas.

Canto do meu Canto

"Quando fores um homem"...

Era assim que eu te dizia vendo-te pequenino, altivo e de olhos pousados nos meus olhos.

Sonhava-te bello, forte, sereno, nobre, generoso e bom.

O tempo passou e tu ficaste com todas as virtudes que eu sonhei, mas num dia partiste como todos os homens — frutos que se desprendem das arvores levando samente para arvores novas.

Hoje, nesta ansia de saudade de ti, da tua meninice e do tempo em que eu já te queria homem, digo neste lamento: Mas, meu filho, foi para minha dôr que eu queria que crescesses ?

DIVA DANTAS

Senhora Oraida Castro Oliveira no dia do seu casamento em Juiz de Fóra.

Enlaces

Carmen de Castro Barbosa e Cesar de Araujo, no Rio.

Em baixo: Enlace Maria de Mello Coimbra — José Nasta na cidade de São Paulo.

O HOMEM QUE PROCURAVA UMA MULHER

Carlos Rubens

UMERCINDO PAES sahira de casa com uma preoccupação unica: encontrar Gloria Augusta.

Era domingo. Azul. Com emanações ineffaveis e esplendores outomnaes no ar translucido.

Sabia a casa onde ella morava. Encaminhou-se decisivamente para lá. Viu-a fechada. Parou á esquina, esperando que a mulher procurada apparecesse. Nada. Na sua alma estreou-se uma profunda sensação de desamparo e de melancolia.

Ficou olhando os jardins proximos, os vehiculos, as pessoas que passavam, a casaria. A casa onde ella morava.

Para onde teria ido Gloria Augusta, que havia dias não via? perguntou ao mundo circumdante, á manhã lucida e fresca.

Vinha perto, para o centro da cidade, um bonde suburbano. Tomou-o. Durante a viagem viu cem mulheres semelhantemente á amada, estendeu olhares inquietos e perquiridores por toda a parte, procurando-a. Em seu seio o mar do desejo de a ver ia crescendo, subindo, augmentando.

Na Avenida Rio Branco ficou a conjecturar para onde teria idó Gloria Augusta. Onde estaria.

— Onde estará a mulher que se procura?

Encontrou um amigo que o convidou ao almoço. Acceitou. Para distrahir-se. Na companhia do outro amenisou ligeiramente as horas. Porque todo elle era um desejo desvairado, inconsolado de ver a amada, de a ouvir e sentir.

Após o almoço, despedindo-se do amigo quiz entrar num cinema, viajar sem destino. Espairecer. O que realmente fez foi tomar um bonde, sentar-se no canto do banco e deixar-se levar até á Avenida Beira-Mar.

Desceu na Lapa e seguiu, á sombra das arvores, indo até ao Flamengo. Esflorava-se sobre o mar, maciamente, a tarde de oiro. Dahi foi ao jardim Botanico, veiu ao Passeio Publico, entrou em duas egrejas na cidade; em seguida tomou um taxi e mandou rodar para Quinta da Bôa Vista.

Parecia que o mundo inteiro passava-lhe em derredor, com excepção sómente de Gloria Augusta. Voltou a postar-se em frente á casa onde ella morava, na ancia doida de vel-a.

Já era anoitecer, já a noite vinha desdobrando o seu manto de trevas sobre a cidade, quando elle voltou retransido de dor e humilimo. Com a alma espesinhada e escura. O coração abatidissimo.

* * *

Gumercindo Paes, debruçado á janella do seu appartamento no 10° andar de um arranha-céo, em pyjama, olhava agora o abysmo da cidade florida de luzes lá em baixo e a immensidade florida de estrellas, lá em cima. Riu, então, da propria loucura e covardia.

Era quasi um cincoentão, celibatario, e nunca lhe acontecera preoccupar-se tanto com uma mulher. Nenhuma lhe merecera mais do que o fruto que se ambiciona, se saboreia e se esquece.

Para elle não havia paixões: fremiam volupias. As mulheres valiam pelos desejos que atiçavam. Porque, no fundo, todas eram eguaes. Poucas vezes lhes falara em amor, só o fazendo quando forçado pela vontade de as possuir. Para as não perder sem satisfação.

Sobre o abysmo da cidade voluptuosamente illuminada e olhando o céo rendilhado de estrellas, agora recordava uma a uma, todas, pelo nome, pela figura e pelas sensações despertadas. E de nenhuma lhe vinha, nem mesmo naquelle calmo instante de recordação voluntaria, a mais leve saudade.

Achava singular que se tivesse prendido tanto á Gloria Augusta, que ella o estivesse preoccupando, vivendo-lhe no intimo.

Hávia duas semanas encontrara aquella creatura sem belleza que não sabia de onde viera. Mas de, uns grandes olhos limpidos, uma voz derramada e suave e a revelar qualquer coisa de secretamente delicioso que elle não sabia o que fosse e que não encontrara em nenhuma outra mulher.

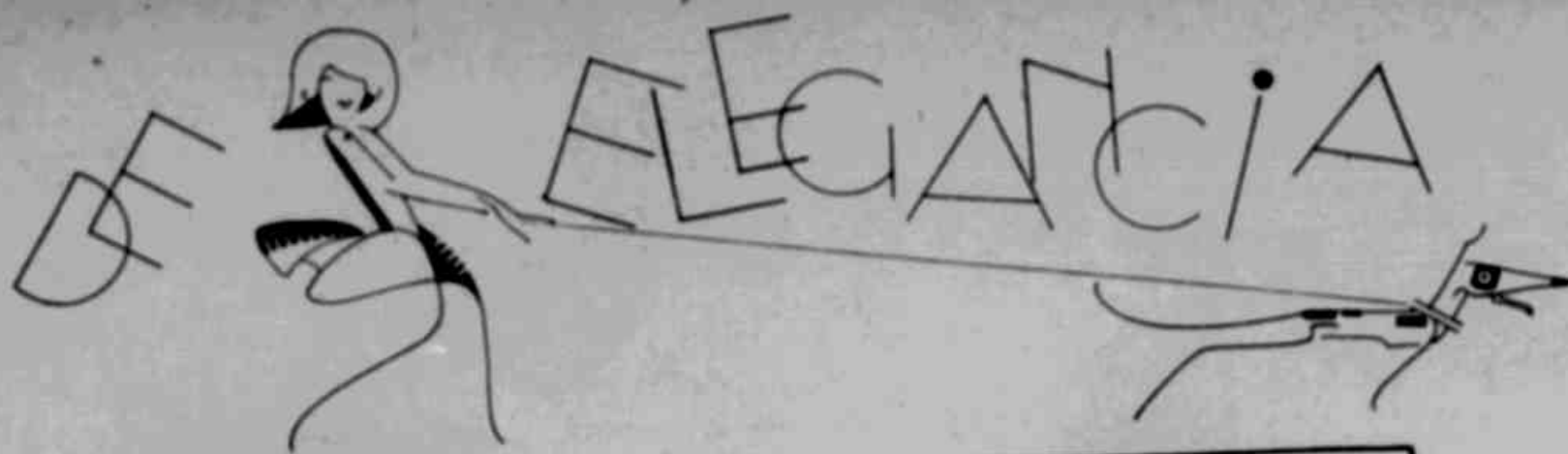
Passeara com Gloria Augusta tres ou quatro vezes, trocara banalidades e alguns beijos. Apenas.

Devia tel-a esquecido. Olvidado completamente. Como fizera tantas vezes sem que lhe ficassem remorsos e nem saudades. Estranhava-se a si mesmo

Pela primeira vez veiu-lhe a idéa do amor. Seria o que elle estava sentindo? Aquella tristeza, aquelle barbaro desejo de ver Gloria Augusta? Por que não passara a sombra daquella mulher pela sua alma como a das outras, sem deixar vestigios?

Ficou olhando a noite immensa, expungindo-se. Martyrisando-se Não amaria Gloria Augusta. Haveria de esquecel-a. Por que não?

Fechou os olhos, como se quizesse diluir da visão a figura da mulher que não encontrara mais e foi buscar no somno o esquecimento, da que lhe não merecia talvez nem a ternura da recordação...

(Do livro *"O que as mulheres não contam...*, a sahir).

VOCÊ está na moda. Silhueta elegante. Vestiu-se, hoje de manhã, de jersey-tweed branco com desenhos vermelho e azul. Saia em forma. Bravo! Maravilhosa nesse movimento de "godet" que se enrosca nos quadris e vae abrindo docemente até á fimbria marcada bem abaixo dos joelhos, e bastante largura para marchar, o seu esporte preferido, o esporte que faz bem porque andar é dos melhores processos para impedir obesidade. Mas você, sinceramente, não precisa disso. E' fina, flexivel, bem feita, e, sobretudo graciosa. A cinta da saia sobe um pouco, em "corselet", mas está bem marcada. A blusa: shantung branco, gola grande rematada por uma casa de panno donde pende uma ponta em forma de "écharpe". Já lhe vi uma boina que lhe serviria para agora. Mas preferiu este "béguin" de feltro vermelho com babadidinhos plissados de fita. Usa os cabellos curtos, portanto, o laço tambem plissado que fecha o chapéo na nuca é uma originalidade encantadora. Hontem á tarde eu a vi tambem vestida á maravilha: velludo de seda côr de vinho, um "renard" fulvo no hombro a morder o panno da blusa bem perto do seio. E' a ultima moda. Algumas elegantes trazem, assim, os seus "renards", e as artistas da companhia franceza, a Lely, a Vaudry, e as outras tambem. Você sabe que uma temporada franceza é mais para o prazer dos olhos que... do espirito. Perdoem-me os que timbram em fingir que apreciam a arte com que representam os artistas. Mas, mesmo que fossem excellentes os do Municipal não colheriam o menor louvor se não se soubessem vestir.

E' verdade que o publico fino não admitte que lhe preguem peças como as de ha dez annos atraz. Torna-se cada vez mais exigente. Mas o que firma o exito da companhia Brulé é a elegancia das actrizes. Verdadeiros figurinos. Falta apenas annunciar nos cartazes que taes e taes vestidos são para taes e taes horas do dia... Porque, em materia de proprie-

dade de vestir, ainda ha muito quem esteja "a quo". O que se quer é por a roupa nova. Chova ou faça sol. De manhã ou de tarde. A' noite mesmo. Mas é um vestido novo que tem de se estrear... Voltemos, porém, a você, ao seu "vinho" tão bem no branco da sua pelle, no ouro velho dos seus cabellos. Chapéo vinho, feltro e renda com "pois" de feltro bordados na renda. Você... Só mesmo a sua graça, o seu encanto, o seu "savoir faire".

o O o

A ultima novidade, e em alguns figurinos de hoje: o "six piéces". A principiar: "shantung" marfim, blusa enfeitada de recortes e botões justamente para servir, desligada á saia do outro que é de "tweed" havana e "beije" como a capa e a gravata. No terceiro, a capa é substituida por um casaco, e no quarto ella serve ainda sobre o "manteau" do mesmo panno.

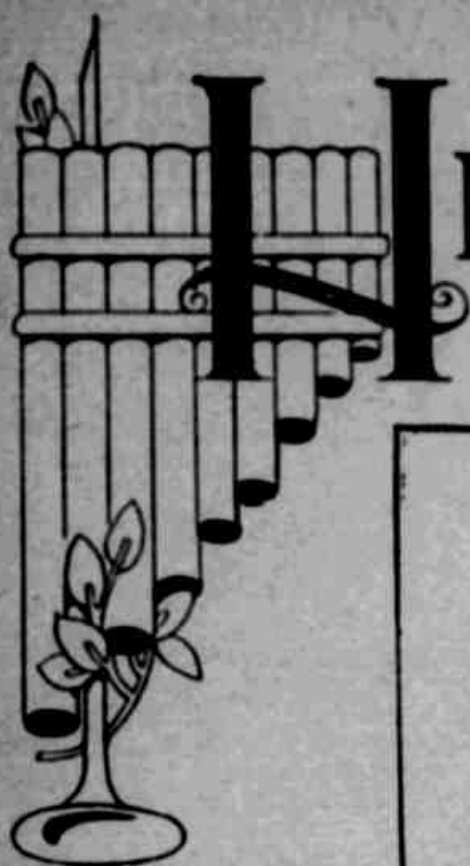
Depois: "manteau" bem largo para envolver o corpo. Retirado surge a jaqueta de setim cinza brilhante numa saia de setim verde cinza. Sob a jaqueta uma blusa de musselina de seda estampada que tambem se junta a uma saia da mesma musselina e compõe uma roupa de visita ou "cocktail".

Pequenos detalhes da moda: uma grande "capeline" branca listrada de azul-creação Talbot —; num vestido de jantar grandes punhos de renda ajustados até o cotovello; num casaco de tarde uma capinha guarnecida de pelle; mangas curtas de um vestido de musselina estampada, de tonalidade unida, bem fôfas, sob um corpete estampado, rematadas por um babado de renda; fazenda de dois tons e mangas de dois tons; luvas rematadas por "chinchilla"...

SORCIÈRE

DE CINEMA

DOROTHY JORDAN
E
RAMON NOVARRO
EM
"O CANTOR DE
SEVILHA"

GRETA GARBO
E
LEWIS STONE
EM
"ROMANCE"

HISTORIA DA MUSICA

PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

Monteverdi e Scarlatti

Monteverdi, que viveu no seculo XVII, foi o primeiro importante compositor de opera. Foi o primeiro a musicar um libreto melodramatico, pratica que os compositores de hoje ainda seguem. Foi o inventor do que póde ser chamado "Genero de canções apaixonadas", tendo composto grande numero dellas.

Monteverdi era musico da côrte do Duque de Mantua. Acompanhou o seu senhor em numerosas viagens. Ambos iam pára a guerra e de noite, entre as batalhas, sentavam-se sobre canhões e cantavam madrigaes, tocando bandolim.

Alessando Scarlatti, compositor napolitano do seculo XVII, foi o inventor do estylo bel canto. Introduziu na opera a aria ou solo com acompanhamento instrumental e inventou um methodo de adestrar os cantores de opera.

Scarlatti escreveu 500 cantatas e 125 operas incluindo "Prigionier Fortunato", que era cantado nas villas da nobreza napolitana. Representação notavel foi dada em 1680 no Palacio Romano, de Christina, ex-rainha da Suecia.

Continúa no proximo numero

A vida do Conde Zeppelin

Por AUGUSTO HOFFMANN

(Conclusão do numero anterior)

Zeppelins foram entregues, um á Belgica e outro ao Japão, este desmontado. Os outros sete que estavam promptos para a entrega foram destruidos por mãos criminosas. No anno de 1919 construiram-se mais dois dum typo menor, sendo, entretanto, os dirigiveis mais velozes do mundo.

Ahi interveiu a commissão do "controle" e a Allemanha entregou a "Bodensee" á Italia e outro á França.

Ficaria, pois, a Allemanha sem nenhum dirigivel, se não chegassem os Norte-Americanos, que exigiram a sua parte, "in natura" do tratado de Versailles, recebendo assim um Zeppelin com o numero de L Z 126 que, sahindo no dia 12 de Outubro de 1924 dos seus estaleiros, voou directo á America do Norte. Este dirigivel está prestando grandes serviços á marinha norte-americana, chamando-se actualmente "Los Angeles".

■ ■ ■

BURRICE

(FIM)

— Você ? — inquiriram todos em côro.

— Exactamente: eu proprio.

— E por que ? — interrogou um delles.

— Porque, não contente de comprar o jornal, de lêr os romances e as criticas e de comprar localidades para assistir aos espectaculos, cahi na asneira maxima de applaudir as peças e de dar palmas ao desempenho deste rei dos canastrões. Portanto, meus irmãos, o maior burro, acreditem, é o publico.

Que deste dialogo travado num paiz de fantasias, perdido no tempo e no espaço, se tire proveitoso ensinamento...

■ ■ ■

Gandhi e a lei da Gabela

(FIM)

zer cessar o descontentamento e a animadversão dos indús contra a penetração do seu commercio.

A situação, no emtanto, sob o controle directo de John Bull em nada melhorou. Ao contrario. Estendendo a todo o territorio indiano a monopolização do sal, prohibindo o seu fabrico considerado clandestino até mesmo nos dominios dos rajahs, só fez por aggraval-a.

Os representantes do povo indú entraram, desde logo, a protestar com vehemencia contra a absurda imposição que lhes ameaçava a propria vida, dados os parcos recursos existentes no paiz para a acquisição do producto indispensavel ao funccionamento da machina organica. Tudo, porém, foi em vão. O governo inglez persistia no seu proposito, preferindo augmentar o preço do sal, a promover o desenvolvimento da industria e de outras fontes de renda que melhor aproveitariam ao progresso da India.

Não faz muito tempo, em 1922, o vice-rei da India decidiu, contra o voto da Assembléa Legislativa, duplicar o preço desse producto, afim de cobrir o "deficit" orçamentario de tres milhões de libras, só restabelecendo a taxa anterior depois de verificar um saldo de mais de dezoito milhões de esterlinos.

Eis ahi a razão por que Mahatama Gandhi antes de lançar o seu exercito de Sattyagrahis contra as trincheiras imperialistas procura destruir o seu principal baluarte representado pelo monolio do sal. Iniciando a sua campanha de desobediencia civil, visa, em boa tactica, a primeira das leis iniquas, aquella que constitue a maior calamidade para o seu povo, antes de voltar-se contra as outras, através da palavra dos seus discipulos, logo que o permittam os fructos da presente agitação.

ARMANDO DE LACERDA.

A hora do flirt... e do Café Paraventi...

Joan Crawford, a encantadora estrella da scena muda, na sua bella vivenda de Hollywood, offerece aos seus admiradores uma chicara do delicioso Café Paraventi.

H. MILLER, da Mala Real Ingleza; G. Gilford, do Banco de Londres, filial de São Paulo; e E. W. Beard, do Anglo Mexican Petrolleum, em passeio nas proximidades da Praia de Margate, Londres.

Clinica Medica de Para todos...

CONSULTORIO

R. I. T. A. (Iguatú) — Póde corrigir o excesso alludido, usando, sómente depois do terceiro dia, pela manhã e á noite, um comprimido de glandula mammaria. Passada a crise periodica, deixe de empregar os comprimidos, usando então: gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Towler 2 grammas, tintura de canella 4 grammas, tintura de genciana 4 grammas, extracto fluido de Yhumbehoa 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas — vinte e cinco gottas, num calice dagua assucarada, depois do almoço e do jantar. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares com o "Cyto-Manganol Corbière".

MARILIA (Caxias) — Internamente, os compostos arsenicaes, pódem combater o enfraquecimento alludido. E' conveniente usar, depois de cada refeição principal, dois dos "Granulados de Methy'arsinato de Sodio Clin". O tratamento externo é simples. Lave a cabeça, uma vez por semana, com agua morna e um pouco de borax e diariamente empregue em loções, friccionando o couro cabelludo; coaltar saponificado 3 grammas, acido salicylico 4 grammas, resorcina 3 grammas, tintura de capsicum 4 grammas, tintura de cantharidas 6 grammas, tintura de balsamo do Perú 10 grammas, hydrolato de quina 320 grammas, essencia de bergamota quantidade sufficiente para aromatizar.

D. N. A. (Rio Formoso) — Deve seguir, sem interrupção, o tratamento referido. Elle está produzindo excellente resultado. Como accrescimo, basta empregar externamente: laudano de Sydenham 5 grammas, ichthyol 30 grammas glycerina neutra 300 grammas, — uma colher (das de sopa), para um irrigador cheio dagua morna, em lavagens locaes, diariamente, pela manhã e á noite.

DR. DURVAL DE BRITO.

MISS CAPITAL DE SAO PAULO

(FIM)

tavelmente uma fonte de sensações nos dias que o antecedem...

Fomos levando a conversa para a musica.

Neyde sentou-se ao piano. Uma valsa de Chopin e logo a seguir uma das ultimas novidades de nossa musica regional...

O contraste, o cerebricmo da gente moça da capital...

Modernistas na apparencia, passadistas na realidade...

Falou-nos dos seus poetas. Gosta muita de Martins Fontes, de Vicente de Carvalho, de Guilherme de Almeida, mas não tem preferencias definidas por este ou por aquelle.

— Depende do momento, do estado de espirito em que me encontro... Aprecio a todos, indistinctamente, principalmente quando me falam do que eu sinto...

— E que sente a senhorita ?

Neyde Xavier sorriu gostosamente, para observar-nos immediatamente que ainda estavamos muito moço para padre confessor...

A conversa continuou assim, entre a "blague e o paradoxo, em tudo demostrando Neyde Pavier um espirito adoravel de moça cidadina. Tem um sorriso franco e communicativo, expressão amavel, e principalmente uma voz que seduz, como a daquella figura creada pelo senhor Julio Dantas, apenas, com a differença de ser sobre tudo isso, um typo de belleza inconfundivel.

Nós lhe dissemos isso. Ella agradeceu, mas observou, com muita razão, que os seus retratos modificam por completo o seu rosto...

— Tenho, me visto em photographias que eu propria não me reconheço. Os photographos me fazem morena, quando eu sou loura; emprestamme um rosto redondo, quando na verdade nada tem que se pareça com isso...

Lembramo-nos que Neyde Xavier tinha obrigações. Um exame não é coisa com que se facilite tanto, principalmente quando está por poucas horas.

Resolvemos, pois, interromper a nossa conversa, deixando-a com os nossos melhores votos para a manhã seguinte, quando estaria corajosamente defrontando as caras patibulares dos examinadores...

JOÃO DE CAXIAS.

A Cia. City e a sua attuação no progresso da Paulicéa

Jardim America o mais lindo bairro residencial da metropole do café

A influencia das actrizes sobre a moda

(FIM)

tempo, a usar as modas e a fazer reviver o chic, particular de Rachel. E por lembrar a grande tragica, foi amada pelo principe Napoleão...

O segundo Imperio não teve a austeridade do primeiro. Os theatros livres se multiplicaram. Entre as rainhas ephemeras da moda, pódem-se citar: Hortensia Schneider, Mme. de Metternich, Córa Pearl, Mme. Doche, creadora da "Dama das Camelias", typo da "cocotte" que quer se fazer senhora; Mlle. Delphine Marguet, cujas espaduas lembravam as da Imperatriz; Maria Delaporte, encantadora, distincta, modelo das jovens ingenuas da época. Modas das heroinas de Mme. de Ségur, Maria Delaporte era uma menina modelo.

No fim do Imperio, a scena da Opera serviu de quadro a uma cantora maravilhosamente bella e dotada de uma voz purissima, inolvidavel: Adelina Patti, marqueza de Caux. Foi copiada pela côrte e pela cidade.

Cahido o Imperio, instaurou-se a segunda Republica. A moda se modificou. A's bellezas imperiaes succederam-se os rostos emmoldurados de frisados, que Grevin popularizou. Aimée Desclée, creadora de "Frou-Frou", fazia prever a mudança que já se adivinhava nas figuras tão animadas de Carpeaux.

A III Republica trouxe o realismo e o exotismo. Duas actrizes apresentaram o primeiro aos parisienses do boulevard. Célina Chaumont, modelo Grevin, foi substituida pela Rejane e por Granier, ambas do mesmo genero de belleza. E uma tragica, bem franceza de coração e de talento, mas de origem israelita, italiana e hollandeza, Sarah Bernhardt, apresentou o segundo.

A elegancia de Rejane e de Granier se classifica facilmente. E' a dos pequenos costumes "tailleur froufroutant", ainda carregados de fitas, botões, babados, mas que já permitte á mulher caminhar a pé nas ruas, ir ao campo, e a desembaraça, pouco a pouco, da prisão das saias engommadas.

O retrato de Valtesse de la Bigne, por Gervex, e o da duqueza de Chaulues, por Chaplain, assignalam, de maneira brilhante, a belleza rosa, sorridente, saudavel que se impoz á admiração dos contemporaneos.

Sarah representava o exotismo; a "E'trangére" e a mulher estranha. Ella estava entre as figuras de Robida, que entreviu o estylo excentrico, e as mulheres enigmaticas, das quaes, Maria Bashkirsteff, admirada e invejada pelas imitadoras, foi o prototypo. O bello retrato, pintado por Barbier-Lepage, em que Sarah apparece de perfil, os cabellos como sarças, o corpo apertado numa couraça brilhante, uma estatueta na mão, é um documento do gosto da época, o genero artista livre, opposto ás sorridentes physionomias "nature" do realismo nascente.

E as duas modas seguiram um parallelo regular. As mulheres typo Rejane e as mulheres (mais raras) typo Sarah. Na sociedade, essa belleza que lembra um paiz, uma obra de arte, representou-a Mme. Cantreau que, em pleno modernismo pictural, possuiu a graça pura de um Clouet, assim como a imagem de Sarah parecia sahir da Escola Italiana da Renascença.

A III Republica se emburguezava no seio do realismo simples. Lê-se numa "Vogue" de 1880, referencias a bellezas do theatro: Julia Barlet graciosa, correcta, e sem nada de arrojado nas maneiras, Jeanne Hading sorridente, placida, bella burgueza, opulenta, de cabellos ondulados. Jun-

to della, toma posição, a farta e rubicunda dansarina Goulue Helen ! Foi então que surgiram os "strapontins", as extra-ordinarias anquinhas, que augmentavam as cadeiras das mulheres, moda horrivel, exotica da Venus stéotopyg'a.

Flaming e Benjamin-Constant pintaram as mulheres das quaes Toulouse-Lautrec fez demonios. Esse grande artista tinha a visão muito pessoal, mas, ás vezes, inexacta. O feroz retrato de Goulue é um ultrage áquella belleza forte, sã, fresca, transformada por elle numa "névrosée". O symbolismo chegou com o cortejo das fadas preraphaelistas e as modas dos tecidos delicados de tons suaves.

Berthe Bady, Georgette Leblanc, Marguerite Moreno e Ida Rubinstein, representavam a mulher da moda. Umas, pediam um Burne-Jones, um Botticelli ou um curioso Aubrey Beardelay; outras, artistas russos impregnados de arte persa.

A influenc'a realista e popular mantinha-se, entretanto, nas Claudinas encarnadas por Polaire e nos "pedacinhos de mulher", multiplicados em scena pelos pape's de Eva Lavallière, emquanto Loie Fuller precipitava a moda para uma bella libertinagem de côres como arco-iris, de tecidos com a diaphaneidade das nuvens.

A reacção só se deu quando desembarcou em Paris para as Folies-Bergère, as Gibson G'rls, espartilhadas, penteadas, calçadas vestidas, engommadas e apertadas, como mulheres do Exercito de Salvação convertidas á vida mundana e ao snobismo.

Esse grupo era o prenuncio da invasão americana, do novo mundo atirado sobre a Europa, impondo-lhe os seus costumes.

Veiu a Grande Guerra e a moda de exotismo que submergiu tudo.

A influencia da moda não se concentrou apenas no theatro. Tambem no cinema, na obscuridade da sala, brilhavam na téla, Raquel Me ler, Pola Negri, Gloria Swanson, Nita Na di. Foram rainhas da moda; o c'nema falado veiu pôr um termo a realeza. Já não se póde dar attenção apenas ás figuras... No music-hall, a actriz apparece isolada, numa gloria luminosa, brilhante, que rea ça violentamente os traços, os gestos, todos os detalhes da roupa e os imprime na lembrança dos espectadores. Mist'nguett foi uma das influencias da moda, corpo vago, saia curta, chapéo pequeno, cabellos cortados, ondulados, repart'dos de um lado, o gesto lento, acariciador e triste, um grande riso animal, bel as pernas e o falar muito mo'le de Paris.

Joias de arte negra foram introduzidas pelas canções e dansas americanas.

Quando Josephine Baker dansou no theatro dos Champs-Elysées, todo Paris se enthusiasmou com a excentrica mulata, mais americana do que negra, filha de um preto com uma hespanhola de Saint-Louis (Missouri).

Josephine Baker representava para os amadores um objecto de arte negra americana. Fez furor.

Todos os manequins das Grandes Casas parec'am silhuetas pretas de Josephine Baker que sahiam de Romances de Paul Morand, de Chadourne, de Sommerset-Maughan, de viagens de Gide, ao mesmo tempo em que estudos de Siegried, de Foy, de Michaud procuravam nos explicar os generos do outro hemispherio. Josephine Baker, entre o enthusiasmo pela arte negra e a poderosa influenc'a yankee representa a ultima personalidade que se impoz com o seu typo elementar e simplificado, ás imaginações avidas de novidades.

A simples e paradoxal dansarina, meia-selvagem, como Sarah, Rejane, Polaire, Mistinguett, e com o mesmo titulo que essas celebres artistas, reuniu nella a tendencia imperiosa da moda.

CLAUDE BERTON.

Os mercados europeus impressionados com uma firma commercial brasileira

Como "The Tribune of Commerce" e "Le Petit Journal des Magasins" apreciam o facto.

Ha, no R'o de Janeiro, uma firma commerc'al que está impressionando os mercados da França e da Inglaterra. Segundo informam "The Tribune of Commerce", de Londres, e "Le Petit Journal des Magasins", de Par's, os altos negociantes daquelles dois pa'zes, que exportam para o Brasil, estão verdadeiramente assombrados com a conducta da refer'da firma brasile'ra, que é a de Almeida & Servos, da "Casa Turuna", na Avenida Passos.

Aquelles dois periodicos, que têm extraord'nario prestig'o nos mercados internacionaes, no intuito de apurar a causa de tal agitação, resolveram ouvir alguns exportadores francezes e inglezes. Estes, em longas entrev'stas, explicam os motivos de seu espanto com relação á "Casa Turuna".

H'storiando o facto, dizem elles que desde ha tempos vêm observando a acção constante daquelle estabelecimento junto ás f'rmas importadoras fallidas no Rio de Janeiro e em São Paulo, acção essa que cons'ste na compra de todo "stock" dessas f'rmas que abrem fallencia. Os exportadores europeus, como fornecedores que são dessas casas fallidas, quando procuram, no decorrer das concordatas, rehabilitar os seus creditos em dinheiro ou em mercadoria, têm sempre a surpresa de verificar "de visu" que as mercadorias já foram vendidas, por preços inferiores, á "Casa Turuna", a qual obtem preferenc'a porque só effectua suas compras a dinheiro.

Proseguindo nas suas declarações, os entrevistados accrescentam que ha tempos mandaram os seus representantes no Rio verificar onde e como a casa bras'leira vendia tão grande quantidade de mercadoria. E, se grande já era o seu espanto, maior ainda se tornou este, quando souberam que a "Casa Turuna" l'quida todos os seus artigos na venda directa ao consumidor, no estabelecimento da Avenida Passos.

N. R. — Explicando as razões de tão grande movimento de vendas, os fornecedores europeus fizeram referencias á inferioridade dos preços que o estabelecimento carioca cobra pelos seus artigos. Deixamos, entretanto, de tocar nesse assumpto, por não nos interessar a propaganda da casa em questão.

EXTRACÇÃO COMPLETA DOS PELLOS

Como desfazer-se duma maneira definitiva dos pellos, eis aquillo que muitas damas desejam conhecer. E' uma verdadeira lastima que, até ao presente, não se tenha difundido de um modo mais geral o conhecimento de uma substancia que provoca o aniquilamento dos pellos. Esta substancia é o porlac puro pulverisado, que se encontra á venda em todas as pharmacias. O porlac se applica directamente ás partes do corpo onde crescem os pellos superfluos cuja desapparição se deseja. Este tratamento recommenda muito especialmente, porque além de eliminar os pellos sem deixar rastro algum, faz que não voltem a apparecer visto que o porlac provoca a completa destruição das raizes dos pellos.

Musica

(FIM)

des artistas se pódem gabar. A estadia da gloriosa pianista no Rio foi curta. Apenas dois concertos — o sufficiente para trazer á vibração os nervos do nosso auditorio, despertando-lhe a sensibilidade, tocando-lhe a emoção, chamando-lhe o enthusiasmo. Foram dois programmas que ficaram gravados na memoria do publico, pela sua execução feliz, fruto de um longo estudo e de uma longa meditação, durante os quaes o apuro da technica caminhou passo a passo com o apuro dos detalhes, com o realce das nuanças, com a exposição do phraseado, com a belleza do canto, com o espirito da intenção musical, tudo isso levado por Guiomar Novaes ao maximo de expressão e de belleza, graças ao cunho personalissimo que ella lhes deu, com a sua sensibilidade artistica excepcional.

Os dois concertos da gloriosa pianista predispuzeram o espirito para as surpresas da temporada que se inicia cheia de magnificas promessas.

T. G.

No Instituto de Musica

I. G. G.

Antigamente, quando esta secção começou, cada perfi...dia publicada trazia a assignatura de Gôgê. Todo mundo pensava, então, que a autora era a I. G. G. que, no fim de contas, levou muita fama sem proveito, teve muito narizinho torcido contra ella, ouviu muita indirecta sem razão de ser, emfim, pagou, como os innocentes, pelo mal que nunca fez. Foi o que se chama vulgarmente uma "victima imbelle" da maldade humana. Mas como a maldade humana não tem limites, a I. G. G. figura hoje aqui como victima mais uma vez — e agora victima de facto...

Pertence a uma familia para a qual a musica tem sido uma tradição que vão passando de geração em geração. Isso não quer dizer que todos os representantes dessas gerações sejam musicos indiscutiveis... do contrario, a tradição, ás vezes, prejudica, porque ha muita gente que, em materia de arte, não passa de uma... respeitavel tradição de familia...

Devo affirmar que não é esse o caso da I., que toca piano como gente grande, com uma technica realmente digna de nota.

Dizem que ella tem um grande sentimento na vida: o de ter ido á Europa e não ter dado lá nenhum concerto. Isso é uma especie de embriaguez que ataca a todos os artistas brasileiros que vão ao Velho Mundo, de modo que a I. não se conforma de ter sido, até agora, a unica excepção.

A proposito disso, dizem que o professor F. V. é de opinião que nunca a I. teve tanto juizo como quando resolveu não se apresentar em Paris... E' que elle acha que, para a gente se apresentar em Paris, não basta estar em Paris... E' preciso mais alguma coisa. E o professor F. V. accrescenta que isso se dá frequentemente com muitos alumnos seus...

A I., entretanto, não se conforma com isso. E o seu maior desejo, agora, é voltar á França para tirar a desforra. Se voltar, dará, não um, mas diversos recitaes, só para ter o gostinho de mandar dizer para o Brasil, que o seu concerto foi um successo, que o publico ficou doido de enthusiasmo, que a Europa se curvou, mais uma vez... etc...

Será que a I. consegue dar o concerto em Paris? E se der, será que ella consegue mandar o telegramma infallivel de successo? E se conseguir, será que a gente acredita mesmo?

Officinas graphicas d'O MALHO